

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÕES: LISBOA - TELEF. 31839 - FARO - R. INFANTE D. HENRIQUE, 11-TELEF. 875
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - V. R. S. ANTÓNIO

O grave problema do assoreamento da barra do porto de Vila Real de Santo António

DEVIDO AO ASSOREAMENTO DA BARRA DO GUADIANA ESTÁ EM RISCO DE FECHAR A NAVEGAÇÃO O PORTO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MAIS UM BARCO QUE FICA AO LARGO

de Vila Real de Santo António por não poder entrar na barra

Ainda não se calaram os ecos da solução deste problema, com a

O ASSOREAMENTO DA BARRA

DO PORTO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESTÁ A DIFICULTAR A NAVEGAÇÃO

HÁ DOIS MIL ANOS O GEÓGRAFO ESTRABÃO ENCONTROU DUAS EMBOCADURAS NO GUADIANA; AGORA TALVEZ OUVISSE DOBRAR OS SINOS POR UM RIO AGONIZANDO NOS AREAIS DA SUA FOZ

NÃO há memória, desde os tempos mais recuados, que tivesse chegado ao estado em que se encontra a barra de Vila Real de Santo António — a barra do maior porto do sul do País. Foi preciso atingirmos este pluvioso e carrancudo ano de 1963 para que nos encontrássemos em face do que, em certa medida, representa uma situação catastrófica para a vida e para a economia de uma grande parte do Algarve e do Baixo Alentejo que, desde tempos que a memória não pode fixar, tiveram sempre normal acesso ao mar para operarem o seu pacífico comércio que vem da remota antiguidade. Rio acima, rio abaixo passaram os faluchos cartagineses e as galeras gregas e romanas carregando o cobre das minas e a famosa grã da Lusitânia utilizada pelos soberbos imperadores romanos para tingir as suas túnicas. Já Estrabão, que teve a sorte de nascer 63 anos antes da nossa era, dizia na sua geografia que o Anas (Guadiana) tinha dupla embocadura, ambas navegáveis e que a sua margem setentrional era bordejada por montes metalíferos que se estendiam até ao Tejo. Evidentemente que isto é história de tem-



A CONSTRUÇÃO DOS AERÓDROMOS DE TURISMO em Portimão e Vila Real de Santo António

ESTÃO a decorrer as diligências preliminares para a construção dos aeródromos de Portimão, próximo de Alvor e de Vila Real de Santo António, localizado perto da Ponta da Areia. Ambos foram já comparticipados pela Direcção da Aeronáutica Civil e vão ser elaborados os respectivos projectos, esperando-se que ainda este ano ou no imediato comece a sua construção, por fases. As pistas, de terra batida, terão mil metros de extensão e 100 de largura e destinam-se ao tráfego de aviões de pequena tonelagem, os chamados aviões-taxis que futuramente farão serviço interno em todo o País. Assim, no Algarve poderão esses aviões servir de ligação entre o aeroporto de Faro e as duas grandes zonas turísticas da Província, estabelecendo também entre as mesmas ligações directas e carreiras com a capital do País e as restantes províncias. Além disso os taxis aéreos permitem facilitar passeios sobre as regiões para melhor se apreciarem no seu conjunto paisagem, naturalmente.

(Conclui na 3.ª página)

O COMÉRCIO DOS FRUTOS SECOS

★ A valorização destes frutos é problema dos mais palpitantes da nossa Província, não só porque eles representam um dos seus maiores valores económicos, como também porque o fomento da sua cultura é a base do aproveitamento das nossas terras incultas que atingem cerca de metade da área total de quase 5.000 kms.2 do Algarve

DENTRE os 536 mil contos que é o valor médio anual dos principais produtos agrícolas algarvios, segundo a Estatística Agrícola, a amêndoa, o figo e a alfarroba representam 176 mil contos, e os frutos verdes 25 mil contos.

Para remunerar convenientemente o juro do capital fundiário, formado pela terra e arvoredo, e além disso constituir um fundo de reserva, para o replantar quando ele entra na decrepitude, é necessário

(Conclui na 4.ª página)

Visado pela delegação de Censura

O APETRECHAMENTO TURÍSTICO DO ALGARVE

ARMAÇÃO DE PÊRA — Disse o *Jornal do Algarve* que val ser uma situação vergonhosa para o Algarve, a falta de alojamentos e de comida para milhares de turistas que, quando construídos o aeroporto e a ponte sobre o Guadiana, nos visitarem no desejo de passar uns tempos de agradável repouso neste recanto privilegiado de Portugal. Ora isto já se verifica hoje, sem ser

(Conclui na 7.ª página)

O PROBLEMA DAS COMUNICAÇÕES NO CONCELHO DE MÉRTOLA

A CERCA de uma local publicada o mês passado no *Jornal do Algarve* sobre deficiências de comunicações no concelho de Mértola e na qual se fazia um apelo ao sr. ministro das Obras Públicas, foram-nos fornecidos superiormente alguns esclarecimentos que convém sejam reproduzidos para conhecimento dos leitores daquele concelho. Assim no que respeita aos caminhos para as povoações de Picóitos e Alves, informa-se que a demora se deve ao facto da Câmara Municipal ter dado prioridade a obras que julgou mais urgen-

(Conclui na 10.ª página)



A gaiota é uma ave domesticável e de bom convívio com o homem, quando verifica que este não a persegue. Em Estocolmo deixa-se apanhar nos cais e vem comer à mão. Por isso não admira que uma delas entrasse um dia destes numa escola de Chateaulin (Finisterra) e pousasse sobre o piano — um singular Schubert alado.

VERDADES TREMENDAS SOBRE A ARRASTADA AGRICULTURA ALGARVIA

JANELA DO MUNDO

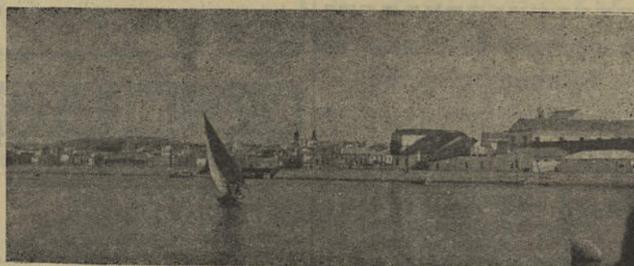
pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

UNS POR AQUI, OUTROS POR ALI...

TEMOS de escolher sempre uma direcção. A pé ou de carro, na rua ou na estrada, se não seguirmos os processos normais de trânsito, ou os impostos pela legislação, o mais natural é não chegarmos inteiros ao nosso destino. E o que se passa na locomoção acontece também na vida: temos de escolher um caminho, um rumo... E acima de tudo devemos evitar os obstáculos nos outros e criar-lhes obstáculos.

Há, é certo, os que ainda não encontraram um caminho e continuam, nesta ou naquela direcção, (Conclui na 10.ª página)

A CIDADE DE FARO PRECISA DE SE COLOCAR À ALTURA DE CAPITAL DA PROVÍNCIA O SEU ESTADO ACTUAL DEIXA MUITO A DESEJAR



A serenidade da ria cujas águas servem de espelho à capital do Algarve

LOGO que o aeroporto se torne realidade, a cidade de Faro passará a ser a sala de visitas da linda província algarvia. Para corresponder a tamanha responsabilidade, a capital do Algarve está a precisar de melhoramentos de importância fundamental, como os que respeitam aos abastecimentos de água e de energia eléctrica e ao desenvolvimento da rede de esgotos.

Não é, todavia, para estes aspectos que se pretende agora chamar a atenção, mas sim para o estado de visível abandono que a cidade actualmente apresenta. São notórios: o péssimo calcetamento dos passeios laterais, a fraca iluminação, o estado deplorável dos pavimentos das ruas, praças e largos, os quais constituem uma verdade-

(Conclui na 8.ª página)

★ Não há planificação ★ Ignorância da natureza dos solos ★ Despovoamento florestal ★ Fruticultura improvisada ★ A anarquia da política de preços e mercados

A CERCA dos problemas da nossa lavoura que de há muito estão a ser debatidos no jornal provincial com o sentido de se lhes procurar um remédio que a todos mais ou menos satisficça e aproveite à economia regional, recebemos de Paris, do nosso ilustre comprovinciano, sr. dr. João Correia Ribeiro, a seguinte carta que pelo equilíbrio e sensatez do seu conteúdo dispensa quaisquer apreciações marginais da nossa parte:

Paris, 5 de Março de 1963

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Sr. director do Jornal do Algarve

Aqui, nesta invejada Paris, onde parece só chegarem os ecos dos grandes acontecimentos mundiais, veio parar às minhas mãos o vosso apreciado jornal, já hoje, de resto, meu familiar, indispensável.

Nele vejo amiúde, com prazer, que se focam os mais diversos problemas de alto valor económico regional, para não dizer nacional, visto que a maior parte reflecte incontestavelmente interesses que ultrapassam as nossas acanhadas fronteiras.

Portos, barragens, hidráulica agrícola, turismo, comércio interno e externo, ensino geral e técnico, assistência, higiene, salubridade, (Conclui na 5.ª página)

GLOSANDO UM PASSEIO POR S. BRÁS DE ALPORTEL CARTA ABERTA AOS SÃO-BRASENSES ESPALHADOS PELO PAÍS E PELO MUNDO FORA

NOS tempos difíceis que vão correndo, S. Brás de Alportel está a braços com uma série de delicados problemas cuja solução justamente continua a aguardar para manter o prestígio que a sua privilegiada situação geográfica impõe. Votada a um ostracismo incompreensível pelos Poderes Públicos, arrelhou-se à mentalidade dos seus habitantes a convicção de que os

(Conclui na 10.ª página)

A Câmara de Olhão também não descursa a valorização turística do concelho

○ PRESIDENTE do Município de Olhão, sr. Domingos Reis Honrado, apresentou ao conselho municipal o relatório da gerência do ano findo, o qual mereceu aprovação. Entre os muitos assuntos que mereceram o cuidado da Câmara Municipal figura o sector do turismo cujo fulcro principal é a ilha da Armona que se pretende valorizar. A Câmara mandou elaborar projectos de acesso à mesma, estando em execução a primeira fase da construção de uma estrada que partindo da estrada nacional, em Blas, ligará à ilha. Está prevista para o futuro a ligação por ponte, próximo da sede do concelho. Para executar o plano de valorização da ilha será solicitada a sua desinfectação do domínio público marítimo. Está reconhecida a necessidade de se construírem duas instalações hoteleiras próximo da ria. E ainda quanto a turismo, foi encarregado um técnico de elaborar um projecto de acesso ao Serro de São Miguel.

O relatório informa que foi adquirida pelo Estado a maior parte do terreno para a construção do edifício para a Escola Industrial e que o Município solicitou o funcionamento de um curso de conservas, assunto que está a ser estudado

(Conclui na 10.ª página)

A saúde é a maior riqueza

VISITAS E GRIPE

A gripe transmite-se do doente e do convalescente aos indivíduos sãos. Nas visitas destes àqueles, e vice-versa, a propagação da doença encontra oportunidade muito propícia.

Se está engripado ou convalescente de gripe, não reciba nem faça visitas.

(Conclui na 10.ª página)

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL



Becos, porquê?

A CIDADE «...aberta, sem limites, nem fronteiras», como a viu Virgílio Ferreira, é o mundo vário, onde se entrecrocavam gamas infinitas de outros mundos, em mutações evolutivas, plenas de continuidade. Temos acompanhado o crescimento desta cidade, na defesa de cujos interesses estas crónicas saíram. E que nos conste, a dificuldade de arranjar terreno para a construção de novos imóveis, ainda não é de modo a justificar que para o efeito se tenham que sacrificar algumas ruas. Vem isto a propósito de um prédio que recentemente se construiu no lado nascente da Rua França Borges, transformando esta artéria num beco, e de um outro que se encontra em plena construção na Rua Coelho de Carvalho, perpendicular à Avenida 5 de Outubro, para onde tem a frente e que igualmente se transforma num beco. Critérios, ou modernas tendências urbanísticas? Verdadeiro paradoxo, na realidade, este de fechar ruas, quando se projecta «para breve» deitar isto e mais aquilo abaixo para alargar as vias de comunicação cidadinas. A menos que existam razões de transcendente importância, que não descortinamos!

A policia e o ciclismo

O ciclismo, a popular modalidade que os clubes da capital algarvia teimam em votar ao esquecimento ou indiferença, tem nesta cidade um público certo e fervoroso. Verifique-se o que se passa, quando aos domingos se têm disputado as provas dos campeonatos regionais das várias categorias. Nesse bocado da Estrada da Senhora da Saúde, onde habitualmente funciona a meta, é ver a numerosa assistência a aplaudir os valerosos estradistas do Tavira, do Louletano ou do Atlético de Loulé — agremiações a que tem de fazer-se a justiça de realçar o muito apego e dedicação à emotiva modalidade desportiva.

Infelizmente, porém, o policiamento é sempre deficiente, do que resulta um prejuízo grave, assinale-se, para ciclistas e público. Dois agentes da P. S. P. são habitualmente destacados para o local. Claro que para uma extensão de algumas centenas de metros o número traduz logo a ineficácia de toda a boa vontade posta no cumprimento da missão. Sucedem-se as aglomerações junto à meta, os afumilamentos, a redução da faixa de rolagem e quando os estradistas surgem em pelotão e se preparam para disputar a vitória ao «sprint», falta-lhes o espaço por onde fugir. Até agora, não se têm registado acidentes de maior, merecendo unicamente do factor sorte. Impõe-se, pois, que numa perfeita demonstração de boa vontade e de carinho para com as modalidades «pobres», seja ampliado o número de agentes de serviço às corridas, factor imprescindível para o seu bom êxito. E era bom que amanhã mesmo, por se disputar o Campeonato de Iniciados, prova de reconhecida projecção nos quadros do ciclismo português, o nosso pedido encontrasse a justificada concretização. Aguardamos que tal aconteça!

ÁFRICA

Garantimos em barques realmente rápidos. Agora já não precisa nem carta de chamada, nem caução de regresso.

AGÊNCIA ABREU

Fundada há 123 anos
AGÊNCIA EM LISBOA
Avenida da Liberdade, 158
Telefone 321697
AGÊNCIA NO PORTO
Avenida dos Aliados 207

VENDEDOR MOTORES MARÍTIMOS

Precisa casa com centenas de unidades vendidas no País

OFERECEMOS: Ordenado Diária Carro Comissão

PEDIDOS: Pessoa com prática no ramo Idade 25 a 35 anos, com fiador Com carta de condução de ligeiros Referências de casas onde tenha trabalhado

Guarda-se sigilo.
Carta a A. G. 2293. HAVAS, Rua Áurea, 242 — LISBOA

Capitão António Lopo Machado do Carmo

Morreu em combate na provincia da Guiné o sr. capitão António Lopo Machado do Carmo, filho da sr.^a D. Maria Helena Machado do Carmo e do nosso comprouviciano sr. coronel Carlos Maria do Carmo, comissário do Desemprego, e sobrinho do sr. capitão Mário Lopo do Carmo, comandante dos Bombeiros Municipais de Faro e delega do distrital dos Serviços de Censura. A família enlutada apresenta-nos as nossas condolências.

Casa na Praia

Devidamente mobiliada em Armação de Pêra, aluga-se.
Dirigir a António Machado Gomes Paulo, Rua Dr. Emiliano da Costa — FARO.

Conferência do assistente nacional da M. P. em Faro

Vai a Delegação Distrital da M. P., através dos seus serviços culturais e de formação religiosa, promover uma série de conferências, do mais elevado interesse para a juventude e para todos a quem não são alheios os magnos problemas da educação, as quais iniciam-se na sexta-feira, sendo orador o rev. dr. António Alves de Campos, assistente nacional da Mocidade Portuguesa, destacada figura da pedagogia católica e profundo conhecedor dos problemas da juventude, e personalidade de alto relevo entre os educadores católicos europeus.

A conferência, que é subordinada ao tema «A juventude na encruzilhada — características e dificuldades; perigos e ilusões da juventude moderna», é proferida no salão nobre da Junta Distrital de Faro, às 21 horas e será mediada pelo sr. governador civil de Faro.

Inauguração da Semana de Telecomunicações

Na igreja do Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, será celebrada, amanhã, às 13 horas, pelo núncio apostólico, a missa de S. Gabriel, primeiro acto oficial da I Semana Nacional das Telecomunicações. A cerimónia será acompanhada pela orquestra sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Frederico de Freitas, seguindo-se à mesma, com a colaboração da Federação Portuguesa de Columbofilia, uma monumental largada de pombos.

Trespasa-se em FARO

Salão de Cabeleireira com residência e boa clientela, trespasa-se por motivo de retirada para o estrangeiro. Também se vende o recheio separadamente. Dirigir-se à Rua Projectada ao Mercado, 31-1.º Esq. — FARO.

Escola Técnica de Tavira

O sr. ministro das Obras Públicas, concedeu através do Fundo do Desemprego, à Câmara Municipal de Tavira, o reforço de 70.200\$00, à comparticipação concedida para execução da obra de adaptação do Palácio da Galeria à Escola Técnica.

VENDE-SE em Faro, com 2 hectares de área, com pinheiros e mato. Esplêndida vista para o mar, com água de nascente, a 5 quilómetros de Armação de Pêra.
Tratar com J. Severino Cabrita — ALGOZ.

Hotel Vasco da Gama Monte Gordo

ABERTO TODO O ANO

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

TELEF. 321-322-323 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NOTÍCIAS PESSOAIS

Deputado dr. João Cardoso
Esteve em Vila Real de Santo António, tendo-nos dado a honra da sua visita, o nosso prezado amigo sr. dr. João da Rocha Cardoso, deputado pelo Algarve à Assembleia Nacional.

Partidas e chegadas

A sr.^a D. Maria Margarida Paulo Daniel Alvares, que regressou de Paris em companhia de seu esposo, sr. dr. Fernando Leonel Viegas Alvares, capitão-médico da Força Aérea, encontra-se em Vila Real de Santo António de visita a seus sogros.
— Após permanência de cerca de dois anos em Angola, regressou a Faro o nosso assinante sr. sargento de Infantaria Zefirino Pedreira.
— A sr.^a D. Mariana Gonçalves Camarada seguiu para Lisboa, onde passará uma temporada em casa de seu irmão sr. Francisco Camarada Martin, secretário da administração do Banco Português do Atlântico.
— Transferiram as suas residências: de Vila Nova de Gaia para Pinhal Novo, o sr. José Indício; de Vila Real de Santo António para Olhão, o sr. Fernando Germano Faleiro Drago, funcionário dos caminhos de ferro; de S. Pedro do Sul para Pombal, o sr. José Joaquim Nobre, escrivão de Direito; e de Évora para Faro, o sr. José Viegas Filipe, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, todos nossos assinantes.
— De visita a seu irmão e cunhada, encontra-se em Vila Real de Santo António o sr. Orlando Rolla, capitão da Marinha Mercante italiana.

Gente nova
A sr.^a D. Eliana Alves Pessanha Salgueiro, esposa do sr. José Manuel Vieira Salgueiro, teve o seu bom sucesso em Vila Real de Santo António, dando à luz uma criança do sexo masculino.

Cine-Foz

Vila Real de Santo António

DOMINGO, o mais extraordinário filme de Charlie Chaplin, **Um rei em Nova Iorque**, um êxito sem precedentes, que ficará na história do cinema. (Para 12 anos).

TERÇA-FEIRA, a mais recente criação de Fernandel considerada a mais humana e expressiva interpretação do excepcional actor: **O Nababo**, em cinemascópio. (Para 17 anos).

QUINTA-FEIRA, **Aventura em Marselha**, com Eddie Constantine. Situações emocionantes, assaltos, emboscadas e lindas mulheres. (Para 17 anos).

MOVIMENTO PORTUÁRIO

Vila Real de Santo António de 14 a 20 de Março

ENTRADOS: — portugueses «Maria Christina», de 550 ton. e «Mira Terra», de 563 ton., ambos de Casablanca, vazios.
SAÍDOS: — «Maria Christina» e «Mira Terra», ambos com minério, para Lisboa.

PONTO TURÍSTICO

Vende-se um serro com dois moinhos e cerca de 3 hectares de área, com pinheiros e mato. Esplêndida vista para o mar, com água de nascente, a 5 quilómetros de Armação de Pêra.
Tratar com J. Severino Cabrita — ALGOZ.

CAVALINHAS INTEIRAS

em latas de 2,3 e 5 Kilos

VENDEM

SAIAS, IRMÃOS & C.^a, LDA. — OLHÃO

CADEIRAS ARTICULADAS

Para praia, campo cafés, esplanadas, sociedades de recreio, circos, etc. — Comodidade aliada à elegância e simplicidade — Fabricadas com madeiras secas e de boa qualidade — Acabamento perfeito — Fácil arrumação: as cadeiras do mod. 1, empilhadas a 2 m 50, equivalente a 50 unidades, ocupam somente a área de 1/2 m2.

MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Av. da República, 19
Vila Real de Santo António

NECROLOGIA

Agostinho Leal
Faleceu em Vila Real de Santo António, de onde era natural, o sr. Agostinho Leal, de 59 anos, antigo industrial de conservas de peixe pelo sal, casado com a sr.^a D. Ana Roque Leal, pai da sr.^a D. Maria Clotilde Roque Leal e do sr. dr. Agostinho Roque Leal e irmão da sr.^a D. Rosália Leal e dos srs. Romão, José António e Miguel Leal.

Manuel Gonçalves Palma Júnior
Faleceu no Azinhal o sr. Manuel Gonçalves Palma Júnior, de 82 anos. O extinto, que deixa viúva a sr.^a D. Bárbara Maria Fernandes, era pai das srs.^{as} D. Bárbara Maria Gonçalves Taborda e D. Maria Bárbara Fernandes Palma e sogro do sr. António Augusto Taborda.

Luís Lopes
Faleceu em Setúbal o sr. Luís Lopes, de 73 anos, natural de Faro, casado com a sr.^a D. Adelina da Conceição. O extinto, que gozava de gerais simpatias, era pai das srs.^{as} D. Maria Rosa de Jesus Sopa, casada com o sr. António de Jesus Sopa, piloto da Barra e Rio Guadiana; D. Silvana Rosa Baptista Lacasta, casada com o sr. Eduardo Stichaner Lacasta; D. Leopoldina dos Santos Gaspar Teles, casada com o sr. José Gaspar Teles; D. Violante e D. Julieta Lopes e do sr. Ludgero Joaquim da Conceição Lopes e avó dos srs. Victor Manuel Rosa de Jesus Sopa, Eduardo Maurício e Walter Guilherme Stichaner Lacasta e Álvaro José Gaspar Teles e da menina Ângela Maria Gaspar Teles.

D. Francisca Rosa Ribeiro
Em Vila Alva faleceu a sr.^a D. Francisca Rosa Ribeiro, de 85 anos, viúva de Manuel Augusto Taborda, mãe da sr.^a D. Gertrudes de Jesus Taborda e dos srs. Manuel António Taborda, António Augusto Taborda e Francisco Manuel Taborda e sogra da sr.^a D. Bárbara Maria Gonçalves Taborda.

Carlos Torres Pinto da Silva
Com 66 anos, faleceu em Faro o sr. Carlos Torres Pinto da Silva, natural de Lisboa, que deixa viúva a sr.^a D.

Em FAREO — o sr. Francisco Baptista Correia, natural de Odemira, pessoa muito culta e de prestígio, que desempenhou funções de administrador do concelho desta cidade e o cargo de chefe da secretaria do Comando da P. S. P. Era pai da sr.^a D. Ilda Rogéria Santos Correia de Prouença, e dos srs. Amílcar Dante Santos Correia e enr. Hélder Noel Santos Correia, chefe da 2.ª Secção Hidráulica do Guadiana, em Beja.

Em ALBUFEIRA — a sr.^a D. Maria da Assunção Baptista, viúva, natural da mesma vila, mãe da sr.^a D. Ermeinda Baptista Vieira e dos srs. João Baptista Vieira, Simplicio Baptista Vieira e Francisco Baptista Vieira e avó dos srs. José Silvestre Baptista Vieira e João Silvestre Baptista Vieira.

Em SETÚBAL — o sr. Joaquim António Moreira Santa Rita, de 43 anos, natural de Portimão, carteiro, casado com a sr.^a D. Maria Ana Santa Rita e pai da sr.^a D. Maria Inocência Nunes Santa Rita.

Em S. BARTOLOMEU DE MESSINES — o sr. Isidro Cortes Neto, de 75 anos, casado com a sr.^a D. Maria Lúcia Neto, pai da sr.^a D. Zulmira Neto Cabrita Vicente, e irmão das srs.^{as} D. Marina Neto Valente e D. Maria Neto Camacho.

Em S. MARCOS DA SERRA — o sr. Domingos Coelho Avó, de 32 anos, casado, factor de 2.ª classe, natural de Albufeira e residente em Lagos.

Em LISBOA — o sr. Daniel Correia Jorge, de 54 anos, natural de Loulé, pai dos srs. José Manuel Cabaco Jorge, Vitor José Viegas Jorge, Ernesto Martins Jorge e Raimundo Martins Jorge.

— o sr. Humberto Marques Guerreiro Boto, de 34 anos, natural de Portimão, empregado no comércio, casado com a sr.^a D. Libélia Cabrita Boto e pai dos meninos Humberto e Libélia Cabrita Boto.

— a sr.^a D. Maria José Nobre Lopes, de 61 anos, viúva, natural de Luz (Tavira), tendo-se realizado o funeral para a terra natal.

— a sr.^a D. Ana Ventura, de 85 anos, natural de Lagos, mãe das srs.^{as} D. Dulcinea Ventura Lopes Baptista e D. Luísa Maria Ventura.

— o sr. João Luís, de 45 anos, empregado de escritório, natural de Faro, casado com a sr.^a D. Maria dos Santos Garrincho, pai do sr. Leonel Garrincho Luís.

— a sr.^a D. Gisela Aurora Júdice de Sousa, de 89 anos, natural de Portimão, viúva, mãe da sr.^a D. Maria da Glória Júdice de Sousa Vidigal e do sr. José Sebastião Júdice de Sousa, funcionário dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

— a sr.^a D. Isabel Rodrigues de Matos, de 61 anos, viúva, natural de Albufeira, mãe do sr. Eduardo Rodrigues de Matos e sogra da sr.^a D. Carolina Rodrigues Calvo de Matos.

— o sr. José Martins, de 76 anos, natural de S. Brás de Alportel, motorista naval, pai da sr.^a D. Delfina Martins e do sr. Manuel Martins, sargento do Exército.

— o sr. João Luís, de 75 anos, natural de Silves, soldado da G. N. R. aposentado, casado com a sr.^a D. Adélia Carolina.

— o sr. Aurélio Rodrigues Mil-Homens, de 82 anos, empregado de escritório, casado, natural de Tavira.

— a sr.^a D. Auroa Martins Rosa, vítima de um brutal acidente de viação, casada com o sr. Manuel Martins, de 23 anos, era natural de Portimão, casada com o sr. Heitor José Ferreira, filha da sr.^a D. Isabel da Conceição Martins e do sr. António Rosa Júnior e mãe da menina Maria da Conceição Martins Ferreira.

Em PAÇO DE ARCOS — a sr.^a D. Amélia de Sousa Cravina, de 77 anos, natural de Loulé.

Em CORROIOS (Seixal) — a sr.^a D. Maria José de Lima, de 78 anos, natural de Vila Real de Santo António, viúva, mãe da sr.^a D. Noémia Félix e dos srs. Augusto e Manuel Félix.

Em ALMADA — o sr. João Gonçalves Bicho, de 65 anos, natural de Lagos, casado com a sr.^a D. Rosa da Conceição e pai do sr. Arnaldo do Carmo Gonçalves.

As famílias enlutadas apresentam *Jornal do Algarve* sentidos pésames.

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, rua de Santo António, 14.

LOTAS ALGARVE

de 7 a 19 de Março
Quarteira
Artes diversas 164.944\$00

de 15 a 21 de Março
Monte Gordo
Artes diversas 58.344\$00

Mário Guerra Roque MÉDICO ESPECIALISTA Doenças das crianças

Consultas diárias às 15 h.

Rua Filipe Alistão, 21
— Telefone 413 —
FARO

TINTAS «EXCELSIOR»



Agora chaves de todos os tipos em 1 minuto:

Com a máquina automática sueca «COPIAX», que adquirimos para servir os nossos clientes com a maior rapidez e perfeição.

CASA GRALHO

Rua General Trindade, 10 — Telef. 507 — FARO

Companhia Industrial de Cordoarias Têxteis e Metálicas

QUINTAS & QUINTAS, S. A. R. L.
PÓVOA DE VARZIM

Fios e cabos de Sisal, Manila, Algodão e Cairo
Cabos de Alumínio e Alumínio-Aço
Condutores eléctricos para Baixa e Alta tensão

Espias e cabos de Terra
Linhas e cabos de Aço — Estropos, etc.
Cabos e fios de Nylon
Fios entrançados de Nylon, etc.

Agentes no Algarve:
Centro Algarvio de Comércio-Portimão
José Aragão Barros-Olhão

GRANDES DESCONTOS

EM FAZENDAS DE PURA LÃ
NOVIDADES PARA HOMEM E SENHORA
Peça amostras a
MONTESTRELA, LDA.
APARTADO 138 COVILHÃ

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE EM SALMOURA EM OLHÃO

Devidamente apetrechada, cede-se por arrendamento sua exploração.
Resposta ao Apartado n.º 24 — OLHÃO

Laurinda Pimenta Pinto da Silva e era irmão da sr.^a D. Eulália Torres Pinto da Silva Henzler, casada com o sr. Ernest Friederich Henzler, industrial na capital do distrito, e dos srs. José e Eleutério Torres Pinto da Silva, residentes em Lisboa.

Com 102 anos
No lugar da Portela do Alqueive (Monchique), faleceu com 102 anos a sr.^a D. Francisca Teresa, viúva. Até aos seus últimos dias, conservou toda a lucidez e ocupou-se das lides domésticas. Nunca consultou um médico e jamais tomou qualquer medicamento. Deixa seis filhas e dezenas de netos, bisnetos e trinetos.

José Rodrigues
Faleceu o sr. José Rodrigues, de 90 anos, natural e residente no Monte de Cortes Pereira (Alcoutim), um dos últimos sobreviventes das campanhas de Moçambique. Fora impedido de Mourozinho de Albuquerque.

Também faleceram:
EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — o sr. Francisco António Martins, de 61 anos, casado com a sr.^a D. Encarnação Caleiro, pai dos srs. José Manuel e João Francisco Caleiro Martins e irmão das srs.^{as} D. Joana, D. Luzia, D. Catalina e D. Isabel Martins e dos srs. Jaime e Gaspar Martins.

Em VILA NOVA DE CADELA — o sr. Manuel Gil Soares, de 76 anos, casado com a sr.^a D. Maria da Saúde Trindade.

Em TAVIRA — a sr.^a D. Amélia Augusta Faria Fonseca Costa, de 98 anos, viúva, tia dos srs. José Costa, gerente da firma José Joaquim Ferreira, Herdeiros, Lda., e Sebastião Leiria, nosso prezado colaborador.

Em CONCEIÇÃO (Tavira) — a sr.^a D. Maria Augusta Horta, de 91 anos, viúva, mãe da sr.^a D. Maria Luísa Horta Mestre e do sr. João Horta Júnior, avó das srs.^{as} D. Juliana Horta Mestre, D. Maria do Nascimento Horta Mestre, D. Maria Luísa Horta Mestre Diogo, e dos srs. João Baptista Mestre e Francisco Mestre Horta, agricultores.

Em FARO — o sr. Francisco Baptista Correia, natural de Odemira, pessoa muito culta e de prestígio, que desempenhou funções de administrador do concelho desta cidade e o cargo de chefe da secretaria do Comando da P. S. P. Era pai da sr.^a D. Ilda Rogéria Santos Correia de Prouença, e dos srs. Amílcar Dante Santos Correia e enr. Hélder Noel Santos Correia, chefe da 2.ª Secção Hidráulica do Guadiana, em Beja.

Em ALBUFEIRA — a sr.^a D. Maria da Assunção Baptista, viúva, natural da mesma vila, mãe da sr.^a D. Ermeinda Baptista Vieira e dos srs. João Baptista Vieira, Simplicio Baptista Vieira e Francisco Baptista Vieira e avó dos srs. José Silvestre Baptista Vieira e João Silvestre Baptista Vieira.

Em SETÚBAL — o sr. Joaquim António Moreira Santa Rita, de 43 anos, natural de Portimão, carteiro, casado com a sr.^a D. Maria Ana Santa Rita e pai da sr.^a D. Maria Inocência Nunes Santa Rita.

Em S. BARTOLOMEU DE MESSINES — o sr. Isidro Cortes Neto, de 75 anos, casado com a sr.^a D. Maria Lúcia Neto, pai da sr.^a D. Zulmira Neto Cabrita Vicente, e irmão das srs.^{as} D. Marina Neto Valente e D. Maria Neto Camacho.

Em S. MARCOS DA SERRA — o sr. Domingos Coelho Avó, de 32 anos, casado, factor de 2.ª classe, natural de Albufeira e residente em Lagos.

Em LISBOA — o sr. Daniel Correia Jorge, de 54 anos, natural de Loulé, pai dos srs. José Manuel Cabaco Jorge, Vitor José Viegas Jorge, Ernesto Martins Jorge e Raimundo Martins Jorge.

— o sr. Humberto Marques Guerreiro Boto, de 34 anos, natural de Portimão, empregado no comércio, casado com a sr.^a D. Libélia Cabrita Boto e pai dos meninos Humberto e Libélia Cabrita Boto.

— a sr.^a D. Maria José Nobre Lopes, de 61 anos, viúva, natural de Luz (Tavira), tendo-se realizado o funeral para a terra natal.

— a sr.^a D. Ana Ventura, de 85 anos, natural de Lagos, mãe das srs.^{as} D. Dulcinea Ventura Lopes Baptista e D. Luísa Maria Ventura.

— o sr. João Luís, de 45 anos, empregado de escritório, natural de Faro, casado com a sr.^a D. Maria dos Santos Garrincho, pai do sr. Leonel Garrincho Luís.

— a sr.^a D. Gisela Aurora Júdice de Sousa, de 89 anos, natural de Portimão, viúva, mãe da sr.^a D. Maria da Glória Júdice de Sousa Vidigal e do sr. José Sebastião Júdice de Sousa, funcionário dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

— a sr.^a D. Isabel Rodrigues de Matos, de 61 anos, viúva, natural de Albufeira, mãe do sr. Eduardo Rodrigues de Matos e sogra da sr.^a D. Carolina Rodrigues Calvo de Matos.

— o sr. José Martins, de 76 anos, natural de S. Brás de Alportel, motorista naval, pai da sr.^a D. Delfina Martins e do sr. Manuel Martins, sargento do Exército.

— o sr. João Luís, de 75 anos, natural de Silves, soldado da G. N. R. aposentado, casado com a sr.^a D. Adélia Carolina.

— o sr. Aurélio Rodrigues Mil-Homens, de 82 anos, empregado de escritório, casado, natural de Tavira.

— a sr.^a D. Auroa Martins Rosa, vítima de um brutal acidente de viação, casada com o sr. Manuel Martins, de 23 anos, era natural de Portimão, casada com o sr. Heitor José Ferreira, filha da sr.^a D. Isabel da Conceição Martins e do sr. António Rosa Júnior e mãe da menina Maria da Conceição Martins Ferreira.

Em PAÇO DE ARCOS — a sr.^a D. Amélia de Sousa Cravina, de 77 anos, natural de Loulé.

Em CORROIOS (Seixal) — a sr.^a D. Maria José de Lima, de 78 anos, natural de Vila Real de Santo António, viúva, mãe da sr.^a D. Noémia Félix e dos srs. Augusto e Manuel Félix.

Em ALMADA — o sr. João Gonçalves Bicho, de 65 anos, natural de Lagos, casado com a sr.^a D. Rosa da Conceição e pai do sr. Arnaldo do Carmo Gonçalves.

As famílias enlutadas apresentam *Jornal do Algarve* sentidos pésames.

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, rua de Santo António, 14.

Pensão BELA-VISTA
 Rua Dr. Sousa Martins, 14 a 16 Telef. 105
 Telegramas: Belavista Apartado 1
LAGOA (ALGARVE)
AMBIENTE FAMILIAR
 Amplos terraços mouriscos expostos ao Sol matutino e abrigados do norte
 Um autêntico sanatório natural
 Esplanada e salão de chá com televisor «Siemens» écran 56
SERVIÇO DE PENSÃO OU RESTAURANTE
 Comida 100% regional e caseira, sem intromissão de exotismos
 Doces de fabrico caseiro e outros aperitivos lagoenses
 Jardim de feição andaluza
 Zona das mais lindas furnas e praias — solitárias da costa algarvia —
 Sossego e repouso para quem desejar
ON PARLE FRANÇAIS
PREÇOS COMPATIVÉIS

Loulé... em retrato

ENTRE os males que afligem esta nossa tão conturbada época, julgamos que um dos piores é a má preparação do carácter dos jovens, desde os bancos da escola até aos cursos superiores. O aluno, hoje, na escola primária, no liceu, na escola técnica, no curso universitário quase tem de se fazer por si e pouco fica devendo ao professor, salvo honrosíssimas excepções.

Estamos bem longe daqueles princípios que levaram um pensador espanhol Domingo Sarmiento, quando escrevia: «O juiz castiga o crime provado, sem corrigir o delinquent; o sacerdote corrige o extraviado moral sem tocar na causa que o faz nascer; o agente da segurança reprime a desordem sem melhorar as ideias que a provocam ou as incapacidades que a estimulam. Só o mestre da escola, entre estes funcionários, ao serviço da sociedade, está posto no lugar adequado para corrigir estes males sociais».

Vem este exórdio, a propósito de uma notícia que lemos no «Diário de Lisboa» sobre a reunião em Faro, de vários dirigentes de ensino, sob o título de reuniões pedagógicas, visando uma aproximação maior entre o pessoal docente do Liceu, Escola do Magistério e do Ensino Técnico. Que tenham o melhor resultado tais reuniões, se delas provir uma melhoria do carácter do aluno, no sentido de valorizar a supre-

macia do mesmo, como unidade educacional viva, que se adapta e progride consoante o ambiente em que é estimulado.

Se todos os professores — visto que, com os progenitores cada vez menos podemos contar nesta época de inferiorização dos poderes paternos — se compenstrassem de que cada aluno é uma massa a moldar para a vida e para as relações sociais, muito teria a lucrar a nossa juventude e certamente a Nação, onde a sua personalidade se virá a projectar.

E que uma maior dedicação e sacerdotio à causa docente, resulte, por via destas reuniões, em benefício dos alunos, é o nosso voto maior, porque, na realidade temos visto, muitas vezes, o professor armado em centro do Mundo e os alunos entregues, sem guia e sem rumo ao rebentar das suas capacidades espontâneas e naturais, que se poderiam explorar, corrigir ou modelar.

NO conjunto dos deveres de um funcionário público e, em primeiro lugar, na categoria de deveres profissionais deveriam figurar, os de urbanidade e cortesia para com o público, cujas carências tem por missão servir e ajudar.

Longo e penoso tem sido o nosso contacto com o público e, em várias modalidades de atendimento, pelo que podemos falar com algum conhecimento de causa. Há funcionários que, colocados em lugares de contacto com o público, não têm a mínima aptidão para a urbanidade e entendem que aquele tem de suportar os azeitos ou más disposições provocados pelos excessos de trabalho, pelas complicações domésticas ou económicas, ou até pelos reveses desportivos dos seus clubes.

Ora, o público é, na generalidade, o contribuinte que paga para a administração poder manter ao seu serviço o agente que desempenha a função de atender.

Sabemos e até por experiência própria, como custa atender certo público que, também em carência de qualidades de delicadeza, respeito e dignidade, entende que o funcionário é um criado para o servir, mas a este, conhecedor da ética profissional e do dever que lhe incumbe, cumpre, muitas vezes, fazer sentir por forma correcta mas incisiva, que está também enganado quem assim procede.

Estou mesmo a ver a minha meia dúzia de leitores a querer descobrir quem está no pelourinho, mas posso garantir que não há alvo directo nesta local. Apenas o desejo de repisar verdades que convém manter presentes a todo o tempo.

NESTA Loulé, tão específica e tão característica, está tudo tão calmo que mal se presente o fervilhar de inquietação por tantos problemas pendentes. No entanto, há perguntas que todos fazem e há respostas que se

A construção dos aeródromos de turismo em Portimão e Vila Real de Santo António

(Conclusão da 1.ª página)
 sagístico e constituem preciosos auxiliares no progresso do turismo. Os dois aeródromos, suas instalações e fornecimento de combustíveis, ficam propriedade das respectivas Câmaras Municipais. Depende das verbas de que dispuser a Direcção Geral da Aeronáutica Civil a rapidez ou morosidade da entrada em serviço dos dois aeródromos. Espera-se no entanto que dentro de dois anos possam ser utilizados.

Automóvel «CONSUL»
 Como novo. Pode servir para a praça. Vende José Pereira Júnior, Estrada da Penha, 43, Telefone 416 — FARO.

TINTAS «EXCELSIOR»

NATIONAL Os rádios transistorizados mais vendidos do Mundo.
 Grande variedade de modelos.
 Assistência técnica garantida com peças originais de Fábrica.
AGENTE EM TAVIRA:
Manuel da Conceição Currito

CONTRA O MILDOR



MILDOR

FUNGICIDA CÚPRICO-ORGÂNICO

EFICAZ
 ECONÓMICO
 FÁCIL DE PREPARAR - NÃO NECESSITA DE CAL

prefira MILDOR porque MILDOR é melhor

PARA TODOS OS DEPARTAMENTOS DE LÍZIAS AGRÍCOLAS E SERVIÇOS AGRONÓMICOS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL
 AV. INFANTE SANTO, 2 LISBOA-2

JORNAL DO ALGARVE
 N.º 313 de 23-3-1963

TRIBUNAL JUDICIAL
 Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

O Doutor Joaquim Augusto Valente Cantante, Meritíssimo Juiz de Direito da comarca de Vila Real de Santo António: Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca — Secção de Processos —, correm éditos de 20 dias, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, CITANDO os credores desconhecidos da herança deixada por Manuel Joaquim Alberto Pereira e mulher Joaquina Marques Marcelo, moradores que foram em Alcoutim e Espanha, respectivamente, para no prazo de DEZ dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos no respectivo processo de inventário facultativo que corre seus termos neste Tribunal, desde que gozem de garantia real sobre os bens cuja venda vai ser efectuada, e que são os que se encontram inscritos sob os artigos 1.033, urbano, e rústicos 2659, 2673, 2574, 2764 e 3236 todos do concelho de Alcoutim e no concelho de Castro Marim sob os artigos rústicos 6072, 6074 e 8285 (2/10), nenhum descrito na competente Conservatória do Registo Predial.

Vila Real de Santo António, 6 de Março de 1963.

Verifiquei:
 O Juiz de Direito,
 a) Joaquim Augusto Valente Cantante
 O Escrivão de Direito,
 a) Vitor Carlos Pontes Vilão

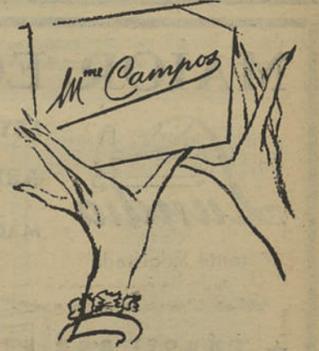
A actividade do Centro de Enseñanza Media y Profesional de Aiamonte

Temos presente o relatório do curso lectivo de 1961-1962 do Centro de Enseñanza Media y Profesional, de Aiamonte, do qual é activo director o sr. Juan Fernández Fernández. Durante o ano frequentaram o estabelecimento 131 alunos distribuídos pelos cinco anos em que se dividem as disciplinas, tendo terminado o curso doze alunos dos quais quatro obtiveram distinção. No corrente ano o número de matriculados é de 120.

O Centro, que tem como particularidade a actividade marítimo-pesqueira, destina-se especialmente a preparar mestres de pesca do alto e mecânicos navais e foi ultimamente dotado com um rebocador de 59 toneladas dispondo dos mais modernos aperfeiçoamentos. Os alunos finalistas realizaram um passeio de estudo em Setembro a instalações navais, frigoríficas e de pescas de Cádiz, Algeiras e Ceuta.

QUALQUER PROBLEMA DE BELEZA TEM SOLUÇÃO

GRACAS AOS MARAVILHOSOS PRODUTOS E TRATAMENTOS DE



AV. DA LIBERDADE, 35 — T. 321866
 R. ALEX. HERCULANO, 24 T. 45548

Vício de fumar

Quer perder este vício?
 Use o ANTI-FUMANTE ABADIAS e no prazo máximo de 15 dias, deixará de fumar. Êxito absoluto. Envie 30\$00 em selos de 1\$00 ou vale postal e este anúncio a ABADIAS, Rua Nova da Piedade, 60 r/c, Esq., LISBOA-2, e receberá o produto na volta do correio.

LOTARIA
JOSÉ LUÍS RIBEIRO dá sempre dinheiro
 Vila Real de Santo António

GRÁTIS UM pacote na compra de DOIS



Esta é a primeira grande oferta DET 1963: Um pacote inteiramente grátis na compra de dois. Aproveite já esta oportunidade e troque as tampas das embalagens pelos magníficos brindes DET



Branco é... Det o lavou!

O COMÉRCIO DOS FRUTOS SECOS

(Conclusão da 1.ª página)

receber do comprador dos frutos secos o seu justo valor. Já demonstramos, pelos cálculos de custo de produção técnico-económicos, levados a efeito pela Estação Agrária de Tavira e depois corrigidos por nós e pelo lavrador sr. Guerreiro Pereira, de Loulé, que este preço deve orçar por 30\$00 a arroba de alfarroba. Ora, desde que não se pague ao lavrador o valor justo das suas alfarrobas e dos outros frutos secos e, por consequência, a taxa do juro do seu capital fundiário seja inferior a 5%, ele preferirá certamente vender as suas terras, transferindo-se para os outros centros do País, como Almada, onde os algarvios estão ajudando a construir uma nova cidade, que em breve ficará ligada a Lisboa pela ponte. Do mesmo modo sucede com os salários agrícolas, agora em alta acentuada. E assim se explica a diminuição da população algarvia de 7.571 habitantes no decénio de 1950-60, ou sejam 2%, enquanto a do distrito de Aveiro aumentava no mesmo período, de 54.970 habitantes, isto é, 11%!

Depois deste intróito que vai à guisa de linha de rumo, vamos continuar a resposta ao sr. Fontainhas Neto, de Messines, tão sucintamente quanto nos permite o pouco espaço de que este jornal dispõe. São de um estudo efectuado pela Corporação da Lavoura, a cujos destinos preside um distinto engenheiro-agrônomo, de ascendência algarvia e grande lavrador no Alentejo, o sr. eng. Caldas de Almeida, o seguinte, que pedimos vénia para citar, para nos defendermos das «leviandades» que o sr. Neto diz ter encontrado nas nossas anteriores exposições:

«Ao tomarmos como base a média aritmética, entre as cotações máximas e mínimas fornecidas pela Junta Nacional das Frutas, já então os lucros da actividade comercial, incluindo a trituração das vagens, são os que constam do quadro abaixo (que citámos, em resumo, no artigo de 9-2-1963, e que novamente reproduzimos): valor da alfarroba comprada à lavoura, no período de 1950-8: 411.736 contos; valor da alfarroba triturada, da grainha e sua farinha vendida para os mercados nacionais e estrangeiros, 494.795 contos; lucro durante 9 anos, 83.059 contos; lucro médio anual (20%), 9.339 contos.

«A quantidade de alfarroba ou seus produtos foi obtida pela soma da alfarroba inteira, triturada e farinha vendida nos mercados interno e externo, grainha exportada e vendida para o mercado interno, farinha da grainha produzida e xarope vendido».

«Isto é, os lucros de todas as actividades, desde a compra à lavoura, até à exportação ou entrega

à indústria, são da ordem dos 20% que, desde já se chama a atenção, não ficam exclusivamente na mão dos intermediários, como o estudo da C. C. Económica refere, mas em todo o ciclo da actividade, excluindo a indústria de gomas».

Ora, dizemos nós, se os 20% são lucros, devem estar fora deles as despesas de fretes, taxas e direitos de exportação, embalagens, etc., até colocarem a mercadoria exportada a bordo do navio (fob) ou no armazém do comprador, no país de destino (cif).

Como o sr. T. F. Neto está vendo, estamos bem escudados quando afirmamos que houve alguém — intermediários e exportadores — que ficou com a mais-valia de 20% do preço que os 18.000 lavradores-produtores de alfarroba entregaram ao comércio, com e sem roleta...

É caso para dizer que nunca tão poucos fizeram tão pouco por tantos.

É claro que nós, lavradores, também temos que agradecer aos armazenistas de mercearias algarvias por levarem alfarroba triturada para o Norte e trazerem sabões e outras mercearias para o Sul, a fim de baratarem os fretes, mas ganhando no negócio com certeza. Mas ocorre agora perguntar: se houvesse uma Cooperativa de Frutos Secos como se pretende criar, com o seu fundo de reserva bem consolidado, para combater os baixos preços de compra, tal facto não obrigaria os compradores das alfarrobas a oferecerem maior preço, visto que o lavrador poderia dispor de algum capital para a sua agricultura, sem necessidade de vender os seus frutos por qualquer preço?

Sem pôr em dúvida a eficácia da propaganda que os comerciantes fazem periodicamente do valor alimentar da alfarroba, junto dos lavradores e das fábricas de rações de Lisboa e arredores, também queremos chamar um pouco dessa glória para aqueles que em Lisboa, e desde 1954, vêm escrevendo para a Imprensa do Algarve e, nas suas reuniões na Casa do Algarve, deliberaram insistir junto da Corporação da Lavoura e da Comissão de Coordenação Económica para que seja estudado convenientemente o valor alimentar da alfarroba. Deste modo dão projecção, através da grande Imprensa de Lisboa — sem dúvida a de maior circulação no País — ao valor alimentar da

alfarroba que, na expressão autorizada do presidente do Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, é ainda hoje desconhecido, no Centro e Norte do País, de algumas entidades oficiais responsáveis e que nunca passaram pela nossa Província!

Sómente se lamenta que a Imprensa de Faro e Loulé, onde existe o negócio-roleta dos frutos secos, não desenvolvesse os temas das intervenções dos nossos deputados que na Assembleia Nacional se ocuparam do comércio destes frutos.

E o mais grave, é que corre nos «mentideros» dos cafés de Faro, que estes negócios fictícios são, afinal, protegidos por algumas agências dos Bancos que nestas pequenas operações de venda, em triplicado, dos frutos, têm certa justificação para a sua existência...

Com as suas estatísticas, o sr. T. F. Neto lembra-nos uma discussão travada há algum tempo na Corporação da Indústria, em Lisboa, sobre se devia ou não o Laboratório Nacional de Investigação Industrial estudar as possibilidades alimentares e industriais das nossas 43.000 toneladas anuais de alfarrobas inteiras; é que, perante a admiração dos dirigentes da organização económica portuguesa, que estavam presentes, houve alguém que contou os valiosos subprodutos que na nossa vizinha Espanha já se estavam extraindo das suas cem mil toneladas anuais de alfarroba.

É foi assim. Depois de se ter explicado por que a alfarroba era o alfa e o ómega da alimentação, por que era obstinante e também... evacuante, a alfarroba foi remetida para o mencionado Laboratório de Investigação Industrial.

É para terminar por hoje, porque já ultrapassámos o espaço que nos reservaram, queremos oferecer à consideração do referido Laboratório, — onde trabalham, pelo menos, dois investigadores algarvios, — a leitura do «Spanish dried fruits», (Madrid, 1957) com o resultado dos estudos efectuados no Laboratório congénere espanhol, acerca das nossas «negras...», como lhes chamam os algarvios.

Este livrinho, impresso em inglês, sobre os frutos secos espanhóis, talvez possa ajudar a arrombar a porta aberta do valor industrial e comercial das nossas alfarrobas.

Oxalá!

UM LAVRADOR

N. da R. — No artigo anterior, por descuido de revisão, saíram 30.000 toneladas de grainha quando a verdade é que se tratava de 3.000, erro facilmente denunciado pela soma da tonelagem que não correspondia àquele número esorbitante.

Registou grande afluência de sócios a reunião do Rotary Clube de Faro

Presidida pelo sr. dr. Manuel Gonçalves e secretariada pelo sr. Jorge Mendes Rodrigues efectuou-se na terça-feira, a habitual reunião do Rotary Clube de Faro, que registou a presença da quase totalidade dos associados.

Depois da cerimónia da saudação à bandeira nacional, para o que foi convidado o sr. dr. António Martins Caiado, o secretário procedeu à leitura do expediente e na direcção do protocolo, o sr. dr. Eduardo Mansinho saudou os companheiros que festejaram, durante a semana, o seu aniversário natalício e a quem iria ser oferecida, por esse meio, a flâmula do clube, o que, disse, reflectia, num abraço simbólico, a amizade que a todos une. O presidente entregou depois a flâmula aos srs. eng. Joaquim Lopes Belchior e drs. Januário dos Reis e Júlio Carrapato.

No período de actualidades e comunicações o sr. Francisco Guerreiro Barroso referiu ao aniversário dos companheiros distinguidos e a uma notícia na qual se afirmava que uma empresa inglesa havia comprado terrenos, junto a Almansil, para construir um hotel com 200 quartos, o que, disse, vinha bem o momento actual do nosso turismo. Registou o facto com muito agrado e afirmou que o turismo é uma realidade viva para a nossa Província e que Rotary pode e deve prestar inestimáveis serviços ao turismo algarvio.

O sr. dr. Manuel Gonçalves aludiu à magnífica vitória do ciclista do Ginásio de Tavira, Jorge Clube, na prova realizada no domingo, felicitando o sr. dr. Eduardo Mansinho, presidente do popular clube. Este agradeceu e evidenciou que, através do ciclismo, Tavira se tornou mais conhecida no País e no estrangeiro. Teceu judiciosas considerações acerca do desporto, que considerou «uma actualidade e uma razão de vida».

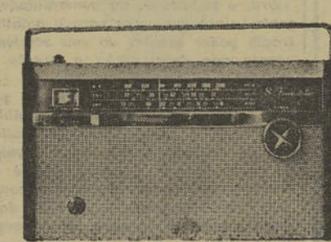
Encerrando a reunião, o presidente referiu-se à Semana da Compreensão Mundial que Rotary comemorou e leu um escrito do sr. dr. Mário Gomes, governador do distrito nº 176, inserido na «carta mensal» acerca do acontecimento. Congratulou-se, também com a elevada presença de companheiros e fez votos para que a confraternização e a amizade continuem no clube.

TINTAS «EXCELSIOR»

NATIONAL Os rádios transistorizados mais vendidos do Mundo.

Grande variedade de modelos.

Assistência técnica garantida com peças originais de Fábrica.



AGENTE EM FARO: STAND HUSQVARNA

Atlântida Pensão

(1.ª classe)

SUITES E QUARTOS COM:

TELEVISÃO
TELEFONE
CHAUFAGE CENTRAL
ÁGUAS CORRENTES QUENTES
AMBIENTE DE UM BOM HOTEL
PREÇOS DE VULGAR PENSÃO

Rua Rodrigo da Fonseca, 60

Telefones PPC 49739 / 733080

LISBOA

ENSINO NO ALGARVE

Técnico

Actividades circum-escolares

No desejo de realizar a sua missão de acordo com os princípios fundamentais dos métodos modernos de educação, segundo os quais as actividades educativas da escola se devem processar num ambiente de liberdade disciplinada, sob a forma de trabalho ordenado e construtivo, a Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António, tendo em vista um conveniente estímulo da aprendizagem dos seus alunos vai promover, na semana superiormente determinada para esse efeito, as seguintes visitas de estudo:

Ciclo preparatório — Nos dias 4 e 5 de Abril, visitas à cidade de Faro e aos seus centros de interesse, entre os quais merecerá especial atenção o Museu Etnográfico, dado o notável repertório dos costumes, das tradições e da arte popular das gentes algarvias, que o mesmo constitui.

Curso de formação — Em 4, 5 e 6 de Abril, excursão de estudo ao Baixo

e Alto Alentejo subordinada à seguinte orientação:

- a) As minas de Aljustrel e a metalurgia;
- b) Évora, a sua história e os seus monumentos;
- c) Arraiolos e o artesanato das suas tapeçarias;
- d) Vila Viciosa, a vila-museu e a Casa de Bragança; os mármores de Vila Viciosa;
- e) Mourão e as celulosos do Guadiana.

Na sua passagem por Évora, no ginásio da Escola Industrial e Comercial daquela cidade, os excursionistas realizarão um pequeno sarau artístico de confraternização, no qual será apresentado, além de outros números de declamação, um grupo de alunas interpretando bailados do povo de Portugal.

Por conveniência urgente de serviços foram nomeados para a Escola Industrial e Comercial de Silves, os professores provisórios, sr.ª D. Maria José dos Santos Benedito e D. Maria Teresa Silva, 4.º grupo, 2.º grau; D. Maria Andreia Luisa de Sousa Colaco, 11.º grupo, 1.º grau; e os srs. dr. António José Palma Sequeira, 7.º grupo; Alberto dos Santos Ferreira, 8.º grupo, 1.º grau; dr. João António de Sousa Amorim, 11.º grupo, 1.º grau e arq. Artur de Aguiar, 11.º grupo, 1.º grau; Rodrigues Serrão, 5.º grupo, 2.º grau; e para a Escola Industrial e Comercial de Faro, os srs. José Martins Palma e Manuel Silo da Graça Caetano, respectivamente auxiliar de trabalhos manuais e contramestre de serralharia.

Primário

Foi nomeado director do distrito escolar de Beja o sr. José Marcos da Fonseca que durante mais de vinte anos desempenhou o cargo de adjunto da Direcção Escolar de Faro.

Foram nomeados regentes de cursos de educação de adultos, femininos, as professoras, sr.ª D. Maria da Conceição Correia dos Santos, para o 2.º de Lagoa; D. Maria Fernanda Martins Neves, para o 2.º de Portimão; D. Maria José Pilar dos Santos, Castro Martin; D. Natércia Pires Correia e D. Maria Rita Quinteiro Borralho, respectivamente para o 1.º e 2.º de Faro; D. Odete dos Santos Madeira e D. Olga Falcato Alves Ramalho Ilhéu, para o 2.º e 2.º do Grémio dos Industriais de Conservas do Peixe de Sotavento do Algarve, de Vila Real de Santo António; masculinos: D. Maria da Glória Graça Raposo, para o de Carvoeiro (Lagoa); D. Rodolfa de Oliveira Nunes Calvário, para o de Monchique e o sr. Paulo Joaquim de Brito Júnior, para o 3.º de Faro; mistos: D. Maria Manuela da Encarnação Palma e D. Maria Paula Entradas Venturas, para 1.º e 2.º de Monchique.

— Por diuturnidade foi concedido aumento de vencimento à professora sr.ª D. Maria Feliciano Grade, de Santa Bárbara de Nexe.

— Estão a concurso, as escolas masculinas do Aite, Vale Judeu (Loulé) e 3.º lugar da Fuseta (Olhão) e foi autorizado o funcionamento do 2.º lugar masculino e escola mista de Hortas, Vila Real de Santo António.

Tecidos S. ANTONIO
COVILHÃ
MÁRIO ANTUNES

HÁ MAIS DE 40 ANOS que esta casa se dedica exclusivamente a fornecer os melhores tipos de lanifícios para fatos de homem, Senhora e Criança

Se U. Ex.ª ainda não conhece os meus artigos faça uma experiência.

NUM SIMPLES POSTAL PEÇA AMOSTRAS

Veja as qualidades, preços e descontos e verificará da conveniência em passar a ser meu cliente

MAIOR ECONOMIA

ESTANTES • ROUPEIROS
ARMAÇÕES • VESTIÁRIOS

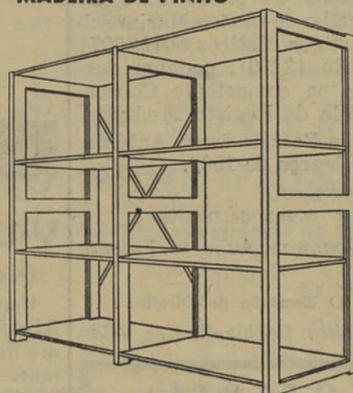
MADEIRA DE PINHO

★ FÁBRICAS
★ ARMAZÉNS
★ ESCRITÓRIOS
★ OFICINAS

FABRICANTE EXCLUSIVO:

MÓVEIS OLAIO
LISBOA

AGENTE EM FARO
MÁRIO R. PEREIRA
R. Pedro Nunes, 1 — Telef. 937



Candeia que vai à frente alumia duas vezes



PROCESSOS NOVOS DA CULTURA DO MILHO PODERÃO FAZER DOS SEUS CAMPOS OS PRIMEIROS DA SUA ALDEIA

utilize

SULFATO DE AMONIO

MONICO PORTUGUES ESTARREJA

A.P. 6/A

Arti

O MELHOR SORTIDO EM CORES DE TINTAS PARA TINGIR

CORES FIRMES

EXIGIR ESTA MARCA COMO GARANTIA



FAMOSAS TINTAS PARA TINGIR EM CASA

Depós. Geral: CASA ARTI, LDA.
Avenida Manuel da Maia, 19-A
Telefone 49312
— LISBOA-1 —

CASA

Vende-se com chave na mão, em Vila Real de Santo António, sítio na Rua Dr. Sousa Martins, 87.

Tratar com Manuel da Costa Cardoso, na mesma vila.

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

VERDADES TREMENDAS SOBRE A ARRASTADA AGRICULTURA ALGARVIA

(Continuação da 1.ª página)

idade, etc., acodem ao seu chamamento, ou antes são atraídos pelo equilíbrio e imparcialidade com que são encarados nos seus aspectos gerais, e procurados esmiuçar nos particulares.

Tal facto não pode deixar de desvanecer-me, qualquer que seja a projecção que possa vir a ter, ou até mesmo quando nula, por o sentimento do dever cumprido merecer justo apreço, e constituir por si um justificado galardão.

Com este intróito quero neste momento apenas referir-me, se v. mo permite, a «um caso» talvez do maior interesse por respeitar à massa da população algarvia, em cuja discussão vejo intervir, e com razão, diferentes sectores da nossa actividade regional.

Por mais indifferente e descoroçoada que ela o olhe, atento o sem número de desilusões que vem sofrendo, não direi de muitos anos a esta parte, porque teria de recuá-las a muitos lustros atrás, vale a pena nele matraquear.

Refiro-me ao problema da «agricultura algarvia».

Debatido em vários números por «Um Lavrador» ele provocou uma ponderada carta da Cooperativa Agrícola de Silves, e uma resposta do sr. Teófilo Fontainhas Neto, como representante do comércio exportador dos respectivos produtos.

Bem ponderadas as coisas, é caso para dizer que todos têm razão:

O Lavrador, nas suas queixas sobre o estado dessa agricultura, cuja posição ancestral não classificarei com a adjectivação despidiçada que o seu primitivismo merece, porque isso seria diferenciá-la daquele em que se encontra toda a «agricultura portuguesa», que, «mutatis mutandis», raze o mesmo panorama estagnante, desde o Minho ao Guadiana, desde o Cubo da Roca às Campinas da Idanha;

A Cooperativa Agrícola de Silves ao pretender resolver o problema da lavoura através da associação dos lavradores, em termos de equacionar os seus problemas dentro do sistema cooperativo, pelo qual se bate com entusiasmo e denodo, e que pretende vá da produção à comercialização, terminando assim com a guerra deseneada por um individualismo infrene, dia a dia mais agreste, na ansia de reduzir a maioria, como sempre constituída pelos economicamente mais fracos, à miséria para que de há muito se arrasta;

o sr. Teófilo Fontainhas Neto, que representa o comércio exportador, ao varrer a sua testada,

repelindo o ferrete com que se pretende marcar o seu comércio, acusado de explorador impenitente e impediçoso, por si e pelos seus intermediários da economia dos frutos secos, pretendendo sugar o pouco sangue que ainda escorre das veias escorropiadas dos agricultores algarvios.

Mas porque todos se queixam, e todos têm razão, só há que concluir que alguma coisa está mal, no fundo da nossa economia rural.

Nem outra coisa é de esperar num país onde não há estudos sobre a estrutura geral dos nossos solos (ou se os há eles não chegam ao conhecimento dos directamente interessados);

onde não existe ao menos patente aos olhos da lavoura, nem prospeção nem planificação agrícola;

onde se não analisam as terras, e, consequentemente, não se aconselham à lavoura as adubações possivelmente convenientes;

onde os campos de interferência da Pecuária e da Lavoura fossem objectivamente encarados como indispensável colaboração mutuamente proveitosa;

onde se não cuida das espécies florestais, nem com elas se povoa os escalvados contrafortes que outras plantações não suportariam;

onde a fruticultura é pura obra de improvisação e de acaso, sem subordinação a regras ou a métodos, sem ter em conta os resultados das experiências colhidas, (se é que alguma vez elas se fizeram), e de ensinamentos, prática e seriamente ministrados — mau grado se reconhecer todos os dias as excelências dos nossos solos e dos nossos climas, para uma actividade, que só por si nos poderia conduzir um dia à independência económica;

onde a «mecanização agrícola»

la, e a «industrialização agrícola» não levam os nossos estudiosos à colaboração que se impunha com o homem do campo, mau grado não poderem ignorar que elas são a base de um progresso social, que é mister implantar gradualmente se queremos evitar que ele um dia se implante por si, com todo um cortejo de perturbações e misérias;

onde a «política de preços e mercados», é, quando muito, (vamos admiti-lo), objecto de congeimnações de que ninguém se apercebe, parecendo constituir um sector à parte da nossa economia...

Tudo isto, e o mais que poderia ser enumerado, são temas que praticamente se não esboçam nem se afluam, num sentido construtivo e criador, de riqueza colectiva, pois, quando muito, só são trazidos a cenáculos onde se cruzam ditirambos ou frases empoladas, com muitas aplausos, no final, prodigalizados por quem nada colheu de proveitoso para aplicar sequer ao caso que particularmente lhe respeita.

E continua-se agarrado a um rotineirismo secular, e continuam milhares de hectares de terra arável inexplorados e improdutivo, ou entregues a explorações parasitárias, que ao País custam milhares de contos anualmente, de que alguns lavradores, embora endividados, saem contentes, mas de que o trabalhador do campo não afeze um centil, que em nada aumenta o seu poder de compra, nem com que valer às necessidades mais elementares.

E por isso que a carta da Cooperativa Agrícola de Silves merece ser meditada e posta em prática, não só para o caso dos frutos secos como para o dos frutos verdes, não só pelo que respeita à produção como pelo que concerna a comercialização.

E com esta última, diga-se desde já, o comércio exportador nada teria a perder, antes tudo a ganhar pois prescindiria de intermediários, que muitas vezes só o comprometem, por passar a existir apenas um entre o produtor e o exportador: a cooperativa agrícola. Esta, sem o mínimo intuito especulativo, serviria de órgão regulador do escoamento dos produtos de que o lavrador lhe fizesse entrega, mediante uma antecipação, a fixar, do valor da sua mercadoria, e aguardaria a liquidação final para embolsar a totalidade.

É uma experiência que já está feita e tem dado os melhores resultados, como se vê nas Adegas Cooperativas que funcionam sob a fiscalização da Junta Nacional de Vinhos.

Por que é que tudo isso se não faz?

A que sectores da vida económica pode convir o actual estado de coisas, para que a lavoura algarvia continue no estado de depauperamento em que vive, sujeita a crises, de altas e baixas de cotizações, que se não sabe a que atribuir, ou são, como se assevera, decretadas às mesas dos cafés? Responda quem o souber.

E permito-me finalizar aqui, certo de que vou despertar os gritos iconoclastas dos que pretendem que se mantenha o «statu-quo», e de que não provocarei o mínimo arrepio na cutis empedernida de uma lavoura mole, apática, quase inconsciente, em face dos problemas que se lhe depauperam, como a que se me afigura ser a da agricultura algarvia, que prefere continuar a viver do passado... e para o passado.

Perdoe, sr. director, o «derrotismo» que possa deprender das minhas palavras. Talvez que a distância que nos separa o exacerbe, ou que as lições dos últimos anos perdidos as provoquem nesta hora nostálgica...

De V.
Muito atento e admirador,
João Correia Ribeiro

Câmara de Vila do Bispo

Foi reconduzido por mais quatro anos no cargo de presidente da Câmara Municipal de Vila do Bispo o sr. José Maria Estêvão.

notícias do CONDE BARÃO

Toda a correspondência deve ser dirigida aos Armazéns do Conde Barão, Largo do Conde Barão, 42 - Lisboa-2

Capas plásticas para homem, senhora e criança, 10\$00, todas com capuz



SAIAS PLISSADAS EM

'TERYLENE' Polyester Fibre

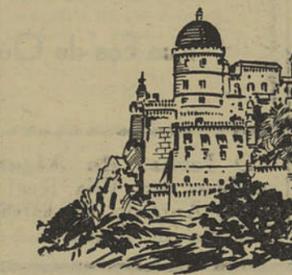
do melhor que se fabrica, em xadrezes bonitos, plissagem absoluta garantida, 110\$00.



Meias Descanso incomparáveis, par 37\$50

SORTEIO PARA TODOS 100 PRÉMIOS SORTEIO EXTRAORDINÁRIO DA PRIMAVERA

Extraordinariamente abrimos um parêntesis nos sorteios dos Monumentos de Lisboa, para festejarmos a entrada desta Primavera de 1963, com um concurso monstro TEM 100 PRÉMIOS — em que os moldes de concorrer são perfeitamente iguais aos anteriores, pois até temos um Monumento também como figura principal, muito embora não esteja situado em Lisboa.



Barão, 42, Lisboa-2, até ao próximo dia 6 de Abril.

E agora, a lista famosa dos prémios: 1.º — UMA PEÇA DE CRETONETE, com 40 metros, no valor de 19\$00; 2.º — UMA SAIA PLISSADA DE TERYLENE, lisa, no valor de 16\$00; 3.º — UMA CAMISA TRICOT DE NYLON, 3 botões como as melhores, com dois colarinhos, no valor de 13\$50; 4.º — UMA SAIA PLISSADA DE TERYLENE, em xadrez, no valor de 110\$00; 5.º — UM CORTE DE SEDA CRISTAL, para vestido, com 3,50 metros, no valor de 9\$50; 6.º — UMA ENVOLTA PARA BEBÊ, em lã de relva, no valor de 8\$00; 7.º — UM PIJAMA DE POPELINE, aviado, para homem, no valor de 6\$50; 8.º — UM CORTE DE BOM CRETONE, de 0,70 de largo, com 5 metros, no valor de 2\$30; 9.º — UM PAR DE MEIAS DESCANSO, as verdadeiras e incomparáveis, no

valor de 37\$50; 10.º — TRES CAPAS PLÁSTICAS «PLUMA», uma para homem, outra para senhora, e outra para criança, todas com capuz, no valor total de 30\$00; 11.º a 20.º — UM CORTE DE XADREZ, misto de lã, com 2,50 metros, no valor de 2\$50 cada; 21.º a 50.º — UM AVENTAL MODELO 1963, no valor de 1\$50 cada.

PRÉMIOS ESPECIAIS A DOBRAR — Serão atribuídos dois prémios iguais aos leitores deste jornal e que constarão, cada um do seguinte: UMA COMBINAÇÃO DE NYLON, com rendas no valor de

5\$ Faro; com um jogo de Mesa de 1,50x1,50 (toalha e seis guardanapos) no valor de 3\$50; Maria Diamantina F. Leiria, Pátio Vila Real, Bairro Santos Nicolau, Setúbal, e com um Lençol para casal, de 1,80 de largo, pontos zigzague, no valor de 3\$50; Manuela Romão, Rua Miguel Bombarda, 13, Vila Real de Santo António.

PRÉMIOS ESPECIAIS — Três capas plásticas «Pluma», no valor de 40\$00 cada, aos seguintes concorrentes: Amália Correia Palmira Neto, Murteira (Fuseta); Maria Lucília Ribeiro Fernandes, Coutada, Paul (Tortosendo) e Maria Florinda Ferreira Pereira Mendes, Rua dos Arrepêndidos, 13-2.º Funchal.

PRÉMIOS DE CONSOLAÇÃO: Com um saco para pão, no valor de 5\$90, foram premiados os seguintes concorrentes: Maria Manuela Antunes de Almeida, Rua Conde da Covilhã Unhais da Serra; Carmelita Coutinho Gomes, Rua dos Alamos, 19, Funchal; Maria Gabriela Barata Mendes, Bairro do Cabeço, Tortosendo; Maria Elisabete Pereira de Freitas, Caminho da Portada de Santo António, Monte Funchal; Maria da Silva, Rua de Santa Maria, 221, Funchal; Maria Filomena Fátima Anastácia, Rua Dr. Cândido Guerreiro, 32-1.º, Faro; Jorge Manuel Torrão da Silva, Rua Dr. João Pinto, 53, Fundão; Alice de Jesus Rosa Caldas, Minas da Panasqueira; Ana Júlia Maria Paulo, Avenida da República, 134 rês-do-chão, Olhão; Maria Amélia Patrocínio Figueiredo, junto ao campo de futebol, Covilhã; Eduard Duarte de Almeida, Rua Sampaio Bruno, 45 rês-do-chão, Portimão; e Rute M. Sousa Abreu, Rua da Carne Azeda, 29, Funchal.

Todos os premiados receberam já, pelo correio, os brindes respectivos. As restantes aconselhamos continuidade no envio dos postais (SÓ EM POSTAL) porque certamente a vossa vez chegará, para receberem um dos muitos brindes que os A. C. B. oferecem e que mantêm à venda nos seus nove estabelecimentos.

O monumento n.º 9 era efectivamente o Aqueduto das Águas Livres.

12

35\$00 e UM SAIO DE NYLON, também com rendas, no valor de 2\$50.

PRÉMIOS DE CONSOLAÇÃO: Serão atribuídos 44 SACOS PARA PÃO, no valor de 5\$90 cada, a outros tantos concorrentes.

PREMIADOS NO SORTEIO N.º 9 — Com um conjunto Leacril, no valor de 13\$50; Diva Maria Gomes, Rua Conselheiro Luís Freitas Branco, 8, Santa Cruz (Madeira); com uma Canadiana felpuda, no valor de 6\$50; Maria de Lurdes Lopo dos Reis, Rua da Quintazinha, 7, Fundão; com uma Camisa de Dormir em Opal de tinte suíço, no valor de 4\$95; Maria Margarida Lourenço Dias, Rua Antero Quental,

Pijamas de popeline AVIVADO



65\$00

O NOSSO CORREIO

No ar com os «Parodiantes» — Todos os dias, de segunda a sábado, pelas 13 horas, o Rádio Clube Português transmite no programa «Graça e Alegria» o apresentado pelos «Parodiantes de Lisboa», os mais recentes sucessos dos ARMAZÉNS DO CONDE BARÃO. Ouça-os e ficará a par das últimas novidades em artigos e preços.

Secção de Amostras — Enviamos amostras do nosso sortido, sem qualquer compromisso. Normalmente são remetidas no próprio dia em que recebemos o pedido, sendo oferecido juntamente um belo saco plástico.

Serviço de Encomendas — Atendemos qualquer valor de pedido, sendo enviado contra-reembolso, com um belo brinde em plástico, de utilidade no lar.

Lar em Festa

Agora todos podem ter a sua casa como que em festa, tal é a alegria que uns cortinados de Nylon ou de Terylene lhe conferem! Sim, porque a marquisete de Nylon vende-se a 15\$00 o metro e a de Terylene a 29\$50, ambas com 1,50 de largo! Muitos outros artigos para cortinados e reposteiros, estofos, sanefas, etc., são vendidos nos A. C. B., tais como cretonetes lindos a 4\$90, cretonetes a 5\$90 e 10\$50 (padrões de 1963), Repeses com 1,30 de largura, a 19\$50, marquisetes de algodão, desde 2\$50 o metro, etc., etc.

COMBINAÇÕES DE NYLON com rendas, 35\$00



SAIOTES DE NYLON também com rendas, 29\$50

GANHE MAIS



PAGANDO MENOS, e isto só é possível a quem comprar os artigos que os ARMAZÉNS DO CONDE BARÃO vendem em qualquer época do ano.

Soquetes Mousse Nylon



Lindas fantasias 4 \$ 50

DA SERRA DA ESTRELA - DE MANTEIGAS

Cães de pura raça da Serra da Estrela - Manteigas

PREFIRAM OS FAMOSOS CÃES DE RAÇA MELHORES PARA GUARDAR

MANTEIGAS — o coração da Serra da Estrela, a única que tem os autênticos Cães da Pura Raça da Serra da Estrela. Os melhores para guarda de gado e de quintas. Fornece a preços baratos o único fornecedor:

CENTRO FORNECEDOR DE CÃES DA SERRA DA ESTRELA

— DE —

Jaime de Almeida Leitão

Telef. 47144 — MANTEIGAS — Serra da Estrela

ACEITAM-SE AGENTES PARA VENDA À COMISSÃO

VENDE-SE EM TODOS OS BONS ESTABELECIMENTOS DO PAÍS E NOS POSTOS DE LISBOA E PORTO

LISBOA: R. PORTAS DE S.º ANTÃO, 112 R. ALMEIDA E SOUSA, 29 (A. C. DE OURIQUE)

PORTO: R.ª D. FILIPA DE LENCASTRE, 29

SICAL O Melhor Café

SICAL O TAL... DE GOSTINHO ESPECIAL

A CIDADE DE FARO PRECISA DE SE COLOCAR À ALTURA DE CAPITAL DA PROVÍNCIA

(Conclusão da 1.ª página)

ro suplicio para os peões e para os automobilistas; o piso de terra batida de muitas das suas artérias, que são autênticos lamaçais no Inverno e origem de nuvens de poeira no Verão com sua ponta de mosca à mistura; e a falta de limpeza de muitos dos prédios, principalmente das casinhas de aspecto pobre, abandonadas no centro da cidade. Tudo isto são coisas reprováveis cuja existência nem os próprios habitantes podem aceitar, e muito menos podem ser compreendidas pelos turistas que nos visitam. A tal que dava aos edifícios de toda a Província uma avelutação agradável e imprime um ar de asseio e frescura às casinhas do campo e aos muros dos cami-

nhos, está a fazer uma estranha ausência nos prédios das cidades e vilas mais importantes do Algarve.

Embora possa admitir-se que não seja simpática a atitude de criticar, tem que se aceitar no caso presente, plenamente justificada a crítica não só pela aparente resignação dos que suportam um estado de coisas que não deve persistir, como também pela inércia das entidades a quem cumpre o dever de modificar o que não está notoriamente bem. É urgente salvaguardar ao menos as aparências, consertando os estragos onde eles são mais evidentes e oferecendo aspectos mais desoladores. É preciso satisfazer as exigências dos naturais e visitantes que em todas as circunstâncias gostam de apreciar e gozar o que está limpo e é agradável.

Como a cidade de Faro, dentro em breve, começará a receber milhares de turistas estrangeiros logo que seja inaugurado o aeroporto, há que ter em conta a solução urgente do problema da sua urbanização. São estes turistas os mais persuasivos propagandistas do bom e do mau que se lhes oferecer. Deles depende inevitavelmente o afluxo de forasteiros ao Algarve e, conseqüentemente, a prosperidade que ambicionamos. Todos sabem como é difícil desvanecer o efeito de uma má impressão que se espalhou a qual por vezes se arrreja para sempre. Tal como actualmente se apresenta, a cidade carece de arranjos inadiáveis em muitas das suas principais artérias.

São estas tarefas que requerem acção imediata e que deverão, por isso, preceder outras que embora exigindo também urgente realização, não podem prejudicar as que se apresentam, neste momento, com carácter inadiável. — D. J.

ELECTRO GARBO OLHAO

APARTADO 39 T. LEFONE 279

Stock permanente de todo o material eléctrico para baixa tensão e material eléctrico doméstico

GRANDES DESCONTOS PARA RETALHISTAS E ÓPTIMOS DESCONTOS PARA ELECTRICISTAS

VENDE-SE

Um armazém sito na Rua João Dias, 9 em Faro. Tratar com João dos Santos Sopa, Praça de automóveis — FARO.

MONDA QUÍMICA!...

MAS COM...

«PLANOTOX»

Herbicida líquido selectivo à base do ácido 2,4-D Butoxyetilo

- + O mais baixo preço de custo por hectare
- + Maior extermínio das ervas resistentes aos habituais herbicidas
- + Os melhores resultados obtidos no nosso País

UM PRODUTO FABRICADO POR MAY & BAKER, LTD. — DAGENHAM/INGLATERRA

Rep. Exclusivos:

FITAL

Rua Eça de Queirós, 20, 1.º-Esq.

Telef. 735694 — LISBOA-1

O Jornal do Algarve vende-se em Vila Real de Santo António, na HAYANEZA Rua Teófilo Braga.



SINE IRA ET STUDIO

«Nem amantes nem amigos» de Orlando Vitorino

Orlando Vitorino lançou no mercado livreiro «Nem amantes nem amigos», esclarecendo o leitor: «Este livro é uma edição do autor incluída numa série não numerada dos Teoremas de Teatro». A proposição está posta em forma de teatro, a patentear requisitos para uma encenação moderna, com mutações de cenário e jogo de luzes.

Diante da obra escrita, parece não haver dúvidas de que a intenção de Orlando Vitorino foi a de fazer uma peça de teatro quando lhe traçou o plano. No final está a indicação: «O pano cai devagar».

Apesar da construção (diálogos, divisão de cenas, rubricas, etc.), a peça, já de si um tanto melodramática, carece do essencial: o conflito — conflito com toda a sua indispensável sequência, para que o espectáculo resulte como teatro declamado.

Nota-se-lhe também outra intenção: mostrar o teatro por dentro e, igualmente por dentro, aquilo que é um actor. É este, exactamente, o ponto mais falso da peça. Se ela fosse representada, o espectador menos avisado sairia para a rua com uma ideia errada acerca dos actores.

Orlando Vitorino, ao idealizar o seu Rafael Ventura (primeiro actor da companhia), trata simplesmente de um caso, de certo modo patológico, e não, como seria para desejar, do actor propriamente dito: o actor como símbolo do profissional dentro da arte de representar.

Assim, querendo talvez apresentar um paradoxo do actor contrário ao de Diderot, o autor põe no palco, ou melhor, poria no palco não um actor responsável, digno de representar uma profissão, mas um homem fraco, de alma doente, carecido das atenções de um psiquiatra. Chorão, piegas, melodramático, esse Rafael Ventura não pode ser um actor; é um colegial mimado.

Actor, primeira figura de uma companhia, não pensa nem age dessa maneira. Vejamos. Já depois do ensaio geral da peça a estrear no dia seguinte, esse actor precisa de ouvir o ensaiador, como não ouviria um amador estreado, ele que é vedetal, assim deste jeito: «Neste momento — diz-lhe o ensaiador (já depois do ensaio geral) — tu estás à direita alta e acabaste de te voltar para a frente. Faz agora». E ele faz. O ensaiador continua: «É preciso que des ao espectador a sensação da presença corpórea da própria Morte. Qualquer coisa como quando estamos a jantar e sentimos a presença do criado atrás de nós». Mais adiante: «Aguenta a mesma expressão. Tu ainda não acreditas que a Morte ali esteja, realmente. Cuidados. E esse primeiro actor vai fazendo tudo, obediente, tão cretino como o ensaiador. E a cena continua, falsa, piegas, imprópria de profissionais».

Essa mesma primeira figura pensa e confessa-se em tom de lamento, deste modo: «Não sei se sabes o que é um actor. Deram-me um papel, decorei as palavras que nem sequer sei o que querem dizer (sic) e tenho de repeti-las diante de toda a gente como se as sentisse, como se as vivesse, e tenho de sofrer e de chorar e de rir e de amar, e até já tenho sido obrigado a morrer».

Mais adiante o mesmo artista faz esta afirmação: «De noite, tudo é teatro». É inacreditável que um primeiro actor ignore a vida de muitos jornalistas, que só podem ir deitar-se de manhã; a dos tipógrafos, pescadores, faroleiros; a dos pilotos na ponte de comando; a dos maquinistas no bojo dos barcos; a dos operários e costureirinhas a fazer serão. É isso teatro?

É baseado nesse actor que O. V. pretende afirmar que os actores não são ou não podem ser amigos nem amantes. Assim, a conclusão a tirar tem forçosamente de ser errada, visto partir, como base, de um ponto errado: o actor Rafael Ventura. Ele é apenas um caso e não a generalidade.

Por tudo isso e mais ainda quanto de falso a peça contém, «Nem amantes nem amigos» não resultará, porque não é possível, como verdade teatral ou como verdade no teatro.

JOÃO FRANÇA

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Albufeira — João de Veiga.

GAGUEZ

Podeis dominá-la pela reeducação da voz. Documentos comprovativos de óptimos resultados. Reduam-se estudantes em quaisquer férias. Belles Lettres — Av. Almirante Reis, 67-1.º, Dt.º - Telef. 41018 - Lisboa-1.

Funcionalismo público

Por conveniência urgente de serviço, foram contratados para escriturários de 2.ª classe da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, os srs. António José Pontes Quintinho e Rui Firmino Simão, Olhão; Olímpio Gonçalves, Tavira; António Pacheco, Faro; David de Oliveira, Alcoutim; João Fernandes Guerreiro e Manuel Gonçalves dos Santos, Portimão; José de Sousa Gonçalves, Loulé e João António Caetano Pargana, Silves.

Foram nomeados presidente e vice-presidente da Junta Autónoma dos Portos de Barlavento do Algarve, respectivamente, os srs. dr. José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo e Gil Vicente Moreira Severiano.

TRESPASSA-SE EM FARO

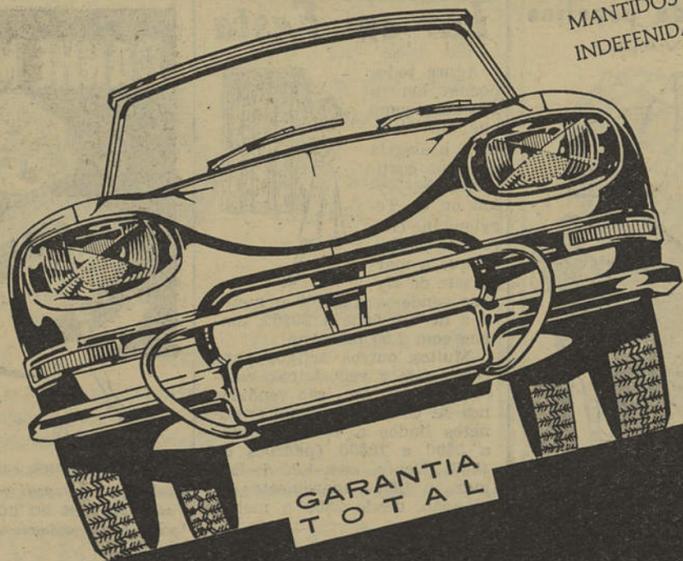
Armazém com escritório e telefone no Largo do Mercado, o melhor sítio da cidade para qualquer ramo de negócio. Carta a este jornal ao N.º 2785.

BEMES

CITROËN

na vanguarda da sua época

100 KM POR HORA...
MANTIDOS INDEFINIDAMENTE!



GARANTIA TOTAL

após uma experiência, podera responder a estas perguntas dos seus amigos:

- o seu conforto?
- a sua estabilidade na estrada?
- a sua suspensão?
- a sua visibilidade?
- a sua maneabilidade?
- a sua travagem?
- as suas performances?
- a sua economia?
- o de um carro grande!
- total em qualquer terreno!
- a melhor!
- a do D. S. 19
- leve no volante e brancagem curta!
- excepcional!
- atinge 100 ou mais sem esforço!
- 5,5 a 6,5 litros e apenas 4 pontos de lubrificação!

CITROËN Peça uma experiência e condições a qualquer dos nossos agentes

AUTOMOVEIS CITROËN S. A. R. L. Av. Fontes Pereira de Melo, 47-A • Lisboa-1 • Tel. 73 41 31

AGENTE EXCLUSIVO PARA O ALGARVE
JOSÉ DE SOUSA E SILVA
Rua Conselheiro Bivar — Telef. 6 — FARO



em qualquer sector da vida há um BEM a segurar

COMPANHIA DE SEGUROS

MUTUALIDADE

S. A. R. L.

Seguros de acidentes de trabalho, pessoais, incêndio, viagens, agrícola e pecuária, automóvel, marítimo, terrestres, cristais e outros

LISBOA-R. 1.º DE DEZEMBRO, 101 TELE. 32 53 63 • PORTO-R. SÁ DA BANDEIRA, 52, 1.º TELE. 21588

SEGURO NA MUTUALIDADE FICA BEM SEGURO

DE LAGOS

A ambição impera e os problemas aumentam

Além dos problemas da batata, azeite e óleo, que pelo menos em Lagos estão longe, muito longe mesmo, de solução condigna, surgem agora os do grão e feijão, cujos preços vão muito além das possibilidades do consumidor.

Valerem-se os detentores de tais produtos, que duvidamos vão além de 2% dos que necessitam de adquiri-los, para comer, uns, para semear, outros, das alterações atmosféricas que importarão mais sementeira e portanto mais procura, para a prática de preços que em muitos casos, vão além do dobro dos que a procura praticada, não será crime? Como vão esses detentores justificar-se perante a lavoura que vendeu grãos miúdos, por 4000 cada 20 litros e agora tem de os adquirir por 10000 ou mais para não deixar improdutivas as terras baixas onde o trigo e as favas estão perdidos por excesso de chuva?

Como contribuirão esses mesmos detentores para atenuar as dificuldades de tantos marítimos e trabalhadores rurais que a braços com males de toda a ordem, estão credores do nosso auxílio?

Acumular fortuna à custa da miséria alheia é coisa que não podemos conceber porque contribui para descontentar o povo. Este é a grande má, que devidamente alicerçada remove montanhas. Procuremos, pois, servi-lo, para que se estabeleça a harmonia entre pobres e ricos, pois estamos convencidos que sem harmonia a vida não pode correr bem.

Não poderão servir melhor as habitações em construção no bairro de Santo Amaro?—O acaso levou-nos ao local conhecido por bairro para classes pobres, onde as recentes construções de 1.º andar com frente para a Rua de Santo Amaro que pelos vistos virá a ser espaçosa, atraem de certo modo. Procurámos verificar se o interior correspondia a habitação com franqueza, ficámos desapontados.

Nos nossos dias, custa conceber habitações com ausência de isolamento e entradas de serviço, especialmente quando há possibilidades de estabelecer estas. Atravessada a sala de visitas não se utiliza a cozinha, quando esta possa ser dotada de entrada própria não se afigura aceitável. Não existir no rés-do-chão instalações sanitárias, mesmo elementares, afigura-se-nos contrário às comodidades que são de atender, especialmente para as donas de casa que a cozinha, quando esta de vária ordem, carecem de aproveitar o tempo e poupar pernas e coração no subir e descer escadas.

Os quintais das habitações são espaçosos e assim talvez seja possível, sem prejuízo da planta previamente delineada, dotá-las de entrada de serviço e instalações sanitárias no rés-do-chão, o que, não correspondendo às comodidades de uma habitação moderna, já melhoraria consideravelmente.

A ideia fica e por boa intenção surgiu; oxalá resulte, pois proporcionar aos outros o que para nós desejaríamos é coisa que importa.

O morro da D. Ana—O morro da D. Ana, como quase tudo, tem a sua história, que, triste é dizermos, poderia, aproveitada que fosse a boa vontade do respectivo proprietário, não envolver Lagos. Acontece porém, segundo declarações de lacobrigenses que nos merece consideração, que as coisas têm decorrido de forma a contrariar o proprietário dos terrenos que mais interessam ao progresso turístico da zona.

Na vigência da Câmara anterior o terreno de tal proprietário, de ofertar terreno para uma estrada até à praia do Camilo, deveria ter sido aceite sem delongas. Na vigência da actual Câmara tudo deveria ter sido encaminhado para se conseguir mais e melhor não só no local do célebre morro, como em qualquer outros que a prática aconselhasse para melhorar as condições da praia D. Ana. Os lacobrigenses porém, na sua maioria incapazes de qualquer gesto generoso, impuseram praticamente o que deveriam rogar e daí a tal tabuleta que temos classificado de afrontosa.

Não nos movem más vontades contra quem quer que seja e por só desarmos o progresso de Lagos, continuamos confiantes que mesmo os ofendidos pelos gestos partidários usuais no meio, venham a demonstrar que acima de tudo colocam os interesses colectivos, cedendo em condições favoráveis quanto lhes seja rogado para elevar Lagos à posição a que tem jus pelas suas belezas naturais.

Arruamentos na Luz—Os arruamentos da Luz arrastado o que se pode classificar de estrada corrente e o que serve a quinta das redes e do parque da praia, estão de facto carecidos de arranjo.

Quem, do largo da igreja, pretende ir para a praia, se utilizar automóvel, vê-se em sérios embarços porque as chuvas têm arrastado as terras do passeio junto ao adro que a não ser devidamente calcetado ficará intransitável podendo originar que parte do adro desapareça. Afigura-se-nos, porém, que pelo menos até à curva que dá para a praia o pavimento poderia ser aproveitado para revestimento betuminoso, que nos poupasse a «enxeca» como os da Rua da Praia.

De modo geral, todas as ruas que convergem com a que se pode chamar

Rua da Calheta e que vai até às Fontainhas se aproveitariam se revestidas de betume.

Há porém algo no final da povoação a que não sabemos se chamar rua se ribeira, pois as águas de um aqueduto que em tempos derivavam para o mar passaram a derivar para essa espécie de rua, onde talvez ficasse bem uma vala que recebesse as águas do aqueduto, feita de forma a que os habitantes da casa por onde está indicado que a mesma se faça pudessem passar em dias de chuva sem irem na cheia.

As sugestões ficam, não para dar leis como alguns possam pretender, mas para que delas se aproveite na medida do possível o que contenham de bom.

Os nossos ciclistas marcaram na prova regional—Quando a boa vontade prevalece e os esforços se conjugam as dificuldades removem-se. Foi o que aconteceu com os nossos ciclistas para se apresentarem em Faro no dia 17 para a prova regional. Da boa vontade de José Gregório Barreto, que é praticamente o organizador do ciclismo em Lagos, correspondida pelo Município que custeou as despesas de deslocação a Faro, além da cedência generosa de camioneta para transporte dos ciclistas e respectivas bicicletas pelo grande entusiasta da modalidade sr. Inácio Jesuino Vieira Rodrigues, resultou o que se pode classificar de honroso para a cidade.

Dos cinco concorrentes que fizeram a prova experimental em Lagos só um deixou de ser classificado por ter sido vítima de uma queda de que resultou ser tratado de urgência no Hospital de Olhão. Este incidente contribuiu de certo modo para inferiorizar os nossos ciclistas, dado que o carro de apoio teve que acudir ao doente, e, assim, ficaram um tanto desorientados pois por duas vezes tomaram estradas alheias ao percurso. O organizador disse-nos com certa graça que reconheceu pela terceira vez o som da buzina do carro de apoio que sempre se classifica em primeiro lugar, mas também nos disse que notou em alguns assistentes certo interesse pelos nossos ciclistas, prova de que prometem.

Oxalá a cidade saiba ampará-los para que possa vir a ter um grupo de ciclistas como o do Ginásio de Tavira.

O comércio e os comerciantes—Alguns comerciantes chamam a nossa atenção para a forma praticamente legal como se faz o comércio de determinados produtos sem respeito pelos seus direitos e, em alguns casos, com prejuízo para os consumidores. Vender artigos de drogaria, tais como o petróleo, à porta do consumidor, com artigos de mercearia que o carro do vendedor ambulante transporta é, além de anti-higiénico, inaceitável por duvidarmos que a contribuição paga possa englobar os produtos referidos.

Em determinados estabelecimentos colectados para venda de frutas e hortaliças, vendem-se artigos de drogaria, mercearia e até vinho, em garrafas, também não é de admitir.

Permitir em qualquer dia e a qualquer hora o comércio de artigos de vestuário e até dos já citados, nas ruas da cidade, não é aceitável e duvidamos que seja legal, pois para artigos de drogaria a mercearia o comércio mesmo pelos vendedores ambulantes que em boa razão não se justifica na cidade, ir além da hora fixada para os comerciantes legalizados, é intolerável. Se não estamos em erro no que apontamos, é de esperar que as autoridades locais, com o valioso auxílio da C. N. R., procurem que tudo seja regularizado, pois o seu a seu dono é coisa que se impõe para calar gregos e troianos.

Joaquim de Sousa Piscarreta

TINTAS «EXCELSIOR»

ALGARVE

Goze tranquilamente os seus fins de semana e as suas férias, no clima mais temperado da Europa.

INSTALE-SE NA

RESIDÊNCIA MARIM

RUA GONÇALO BARRETO, 1 FARO

1.ª classe-Ambiente Selecto A 10 minutos da PRAIA DE FARO

Serviço de Pensão completa EM COLABORAÇÃO COM O RESTAURANTE GARDY Diárias e Melas-Diárias

RESERVAS: TELEFONE 385

TELEG.: RESIDENCIAMARIM

FARO

FIAT

600 Multipla em óptimo estado, de 1959

VENDE:

LUCÍLIO MATOS TOUPA

Rua do Alvilto, 33

LISBOA

TELEFONE 637024

Os C. T. T. no Algarve

Da rede de Faro para a CTT de Olhão foi transferida a telefonista sr.ª D. Maria da Conceição Rocha.

Foram criados e abertos à exploração pública, o posto telefónico de Mexilhoeira da Carregação e o PC3 de Meia Praia (Lagoa).

Foi exonerado de encarregado do posto telefónico de Bela Curral (Faro) o sr. José Leal Jerónimo e nomeada encarregada do mesmo posto a sr.ª D. Maria Vitória Pires.



EUROPE AUSTRALIA LINE LTD

SERVIÇO REGULAR RÁPIDO

ACEITAM-SE PASSAGEIROS PARA

AUSTRÁLIA

(VIA SOUTHAMPTON)

EM CLASSE ÚNICA

AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA.

72-D, Avenida D. Carlos I - LISBOA - Telef. 66 50 54 - 67 23 19

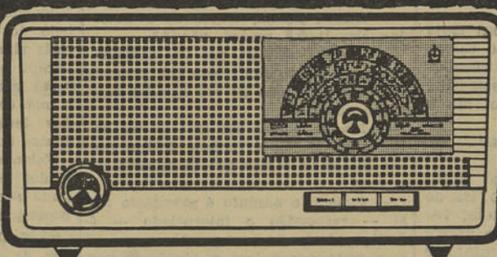


Apresenta



O MARAVILHOSO RECEPTOR QUE HÁ MUITO ERA ESPERADO PELAS SUAS ESPECIAIS CARACTERÍSTICAS, PROPORÇÕES E PREÇO VERDADEIRAMENTE ACESSÍVEL!

Oriente



NO MUNDO DA RÁDIO ORIENTE-SE POR UM *Oriente*

AGENTES GERAIS

Electrónica, Lda

R. DE SANTO ANTÓNIO, 71 TELEFONE, 25800-PORTO

Agente em Olhão:

AMÉRICO GUALBERTO MATIAS

Rua 18 de Junho, 171

Agente em Vila Real de Santo António:

M. SALVADOR VAZ PALMA

Avenida da República, 74

Esquentadores

ESTA FAMOSA MARCA ALEMÃ QUER DIZER:



ÁGUA QUENTE PARA TODA A GENTE, RÁPIDA E BARATA

A GÁS LÍQUIDO (BUTANO OU PROPANO) DESDE 1.850\$00

Junkers



Garante:

- Óptimo funcionamento à pressão normal ou com pequenos depósitos e l metro.
- Economia resultante dos seus queimadores especiais.
- Impossibilidade de explosão devido aos seus dispositivos de segurança.

EXIJA O SELO DE GARANTIA DOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS SILVEIRA & SILVA, LDA. RUA DA CONCEIÇÃO, 17-2.º - LISBOA - TELEF. 327475

À VENDA: Nos Agentes das Companhias Distribuidoras de Gás

Lãs para tricotar

À máquina e à mão

ORLON - MOHAIR - BOUCLE Shetlands - Tweeds - Australianas - Nacionais Fantasias - Perlapons - Ráfias - Algodões Cores modernas garantidas - Todas as torções

Enviem-se amostras - Satisfazem-se encomendas pelo correio

PREÇOS DE FÁBRICA

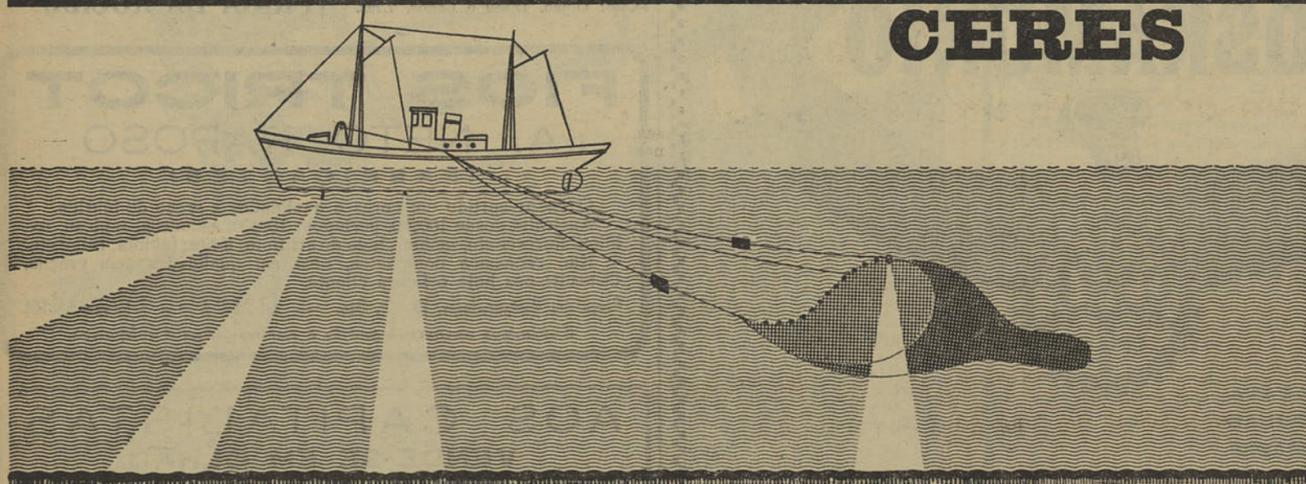
ROSA & COMPANHIA

(FABRICANTES NA COVILHÃ)

ESTAB. EM LISBOA

Rua de Santa Justa, 60-2.º - Telefone 31412

CERES



SONDAS PARA DETECÇÃO E PESQUISA DE PEIXE

A nova sonda KELVIN HUGHES "CERES" combina as vantagens da detecção horizontal antecipada dos cardumes com uma mais exacta localização vertical. Pode ter, como acessório, um indicador vertical, de rede, para controle rigoroso de arrasto.

CONSULTE OS REPRESENTANTES C. SANTOS LDA. LISBOA - PORTO - COIMBRA - OLHÃO

* A marca que equipa as mais importantes unidades mercantes e de pesca nacionais

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Comentários de ENCARNAÇÃO VIEGAS

Campeonato Nacional da I Divisão

Faltou positivismo ao futebol dos algarvios

O grupo visitante não se inferiorizou no desbobinar dos lances, no desenho dos esquemas e nem sequer na distribuição dos seus «peões» no rectângulo.

Campeonato Nacional da II Divisão

Ganhou o mais feliz a rematar

Em jogo-jogado talvez que o quadro da capital algarvia tivesse usufruído de maior quinhão de domínio territorial, mas em superioridade técnica, em clareza de manobras as duas equipas equivale-

A vontade operou o milagre

O grupo silvesense fez «ponto de honra» em vencer o vizinho de Portimão, mas durante os primeiros quarenta e cinco minutos foi impotente para contrariar a melhor textura do adversário, mais claro e melhor ordenado.

A justiça do vencedor está expressa no resultado...

... porque ao longo dos noventa minutos do tempo regulamentar a turma pombarina foi sempre mais equipa, constituiu o «team» mais convicto, mais eficiente, subjugando o adversário em todos os sectores do terreno, não o deixando «respirar» nem organizar-se.

Resultados dos jogos:

Table with 3 columns: Team, Score, Opponent. Includes I Divisão, II Divisão, III Divisão and Nacional de Juniores.

Equipas e marcadores:

OLHANENSE: Filhó, Alfredo e Nunes; Madeira, Luciano e Reina; Matias, Campos, Tonho, Casaca (1) e Valter.

JORNAL DO ALGARVE - Vende-se em Lisboa na Tabacaria Mónaco - Rossio

CHOCADIAS «PAL» (FABRICO FRANCÉS) - Eléctricas, petróleo e mistas, 50 a 20.000 ovos.

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

S. Domingos-Faro e Benfica

Opondo à maior quantidade de jogo ofensivo do adversário uma tática de muitas cauteladas nas suas linhas recuadas para não se deixar surpreender, o Faro e Benfica pôde alcançar um ponto na sua primeira deslocação.

Jogos e árbitros para amanhã

Table with 3 columns: Divisão, Time, Match. Includes I Divisão, II Divisão, III Divisão and Nacional de Juniores.

CLASSIFICAÇÕES

Table with 6 columns: Team, J, V, E, D, B, P. Lists teams like Benfica, Porto, Sporting, etc.

Taça Associação de Futebol de Faro (Juniões)

Farense, 0 - Faro e Benfica, 2; Esperança, 1 - Lusitano, 1; Lisboa e Fuseta, 3 - Moncarapachense, 2.

PINTOS DO DIA - Importação da América, Holanda e Dinamarca durante todo o ano.

CICLISMO

Jorge Corvo venceu destacado a segunda prova do Campeonato de Independentes

A segunda prova do Campeonato Regional de Independentes, que se correu no domingo, chamou à estrada uma multidão de adeptos do ciclismo, proporcionando certo movimento em todos os recantos pitorescos do Algarve, por onde a caravana passou.

Por este lado, todavia, a corrida decepcionou pois Tenazinha, em virtude de uma queda e de um furo, não pôde impor-se ao seu adversário ainda que estes percursos não sejam o suficiente para justificar o atraso com que cortou a meta em relação ao tavricense.

Após esta corrida são grandes as possibilidades de Jorge Corvo vir a cotar-se como novo campeão regional. Classificação: 1.º Jorge Corvo, Ginásio; 2.º José Pedro, Ginásio; 3.º Octávio Trinta, Ginásio.

Realiza-se amanhã em Faro o Campeonato Nacional de Iniciados

Com a presença de ciclistas do Benfica, Sporting, Porto, Sangalhos, Ovarense, Ginásio, Louletano e Atlético de Loulé, realiza-se amanhã, às 8 horas, com partida e chegada em Faro, na Avenida da República, o campeonato Nacional de Iniciados que a Federação Portuguesa de Ciclismo marcou este ano para a área da Associação de Faro.

O prémio do Totobola veio para o Sul

Desta vez foi o Algarve e o vizinho concelho de Mértola a beneficiarem do prémio grande do Totobola e os beneficiados (895 contos a cada um) gente simpática, bem careciam desta ajuda para endireitarem a vidinha cada vez mais difícil de se viver.

Lotaria de ontem

O 2.º prémio da lotaria de ontem da Misericórdia de Lisboa, n.º 76.868, de 200 contos, tem o carimbo e a marca da Casa da Sorte.

ADUBAÇÃO FOLIAR

Um progresso em fertilização!

- estimula a actividade vegetativa
• antecipa a maturação
• favorece o desenvolvimento da fruta e evita a sua queda
• melhora a cor e a qualidade
• aumenta os rendimentos unitários

CONSULTE A SAPEC SOBRE A ADUBAÇÃO FOLIAR

SAPEC - LISBOA - R. Vitor Cordon, 19 - ALGARVE - Agência em FARO: Largo de Camões, 10 - Telef. 366426

ÓCIOS DE UM ESPÍRITO SONOLENTO

A vida é um dia e a morte, uma eternidade. Assim mesmo, curta como é, não a sabemos viver, antecipando o fim com os nossos desvarios.

Não te apresses ao falar. Podes comprometer alguma coisa ou a alguém. Pesa as palavras com o zelo do joalheiro, quando afere o quilate do ouro.

O casamento, como o escorpião, tem o veneno na cauda.

A mulher apaixonada dispõe de energias espirituais em função do seu amor. Ama ou odeia com a força que a Natureza empresta a esses sentimentos.

Somos resignados por exigência das circunstâncias. A resignação não é um sentimento espontâneo.

O celibato clerical escraviza o sacerdote aos costumes pagãos. Faz maior número de vítimas que o casamento, criação divina.

Há um amor que se gera no espírito, outro no coração e um terceiro cuja origem reside na matéria. Este é o menos duradouro, mas tem carácter sobretudo humano. Os dois primeiros nascem no alto da montanha e o último serpeja no vale.

A nudez feminina obedece a estalido comum. Ver uma mulher despida é ver todas. Distingue-se a graça do vestuário, que não tem por único objectivo ocultar-lhe o corpo, mas atrair a atenção daquele para quem Deus a criou.

Diante do quadro célebre do julgamento de Páris, a mãe perguntou ao filho adolescente qual das três deusas era mais bela, Juno, Minerva ou Vénus. E o filho respondeu-lhe: «Não sei dizê-lo, mamã. Estão todas nuas».

Evitemos desejar mais do que é razoável. O conteúdo não deve exceder o continente.

Viver para uma só mulher é a mentira da fidelidade. A lâmpada de Diógenes não nos auxiliaria a encontrar marido leal, tão difícil de achar como um corvo branco.

Uma esperança é sentimento que tudo nos promete e nada nos dá. Enleia e desencanta.

2) A PESCA DO ATUM

Construam-se apenas atuneiros para a pesca longínqua e não para a pesca costeira e local

CONSIDERANDO o exposto no artigo anterior, parece surgir motivo para se perguntar: e para que insistir em tirar tão-somente produtos de algumas dessas áreas, aliás a mostrarem já indícios de exaustão, quando é bem certo que dispomos de um vastíssimo oceano (o Atlântico) e de um grande mar (o Mediterrâneo), que nos poderão facultar imensos pesqueiros pelágicos ainda não explorados, para efeito da captura do atum e similares, os quais permitindo maior intensidade e actividade piscatórias, não serão por isso tão susceptíveis de manifestar o nocivo fenómeno da sobrepesca?

O mar Mediterrâneo deverá oferecer diversos locais de pesca para a captura daquelas espécies, embora não tão férteis como os do Atlântico, nomeadamente na sua região tropical; e, este oceano, poderá de facto facultar inúmeros e proficuos pesqueiros na vastíssima



Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

Surpreendido com a imitação servil de que foi vítima por parte de um importante colega lisboense, o Tareco tinha resolvido não tornar a «miar», trespassando para si a vergonha que não teve o macaqueador se adregasse o dito Tareco, em hora de desatino, descer a balança tão feia e desautorizadora de possíveis, discutíveis e já agora muito incertos méritos do plagiador.

CANTO DO TARECO

do homem, desvergonhado e estúpido, que a si se arrogou forças espantosas para aniquilar a sua essência e presença no Mundo, faz-nos duvidar de outros poderes oferecidos à nossa inteligência e à nossa sensibilidade, poderes que afinal nos desanimam pela sua tolerância com a tendência genocida dos humanos. Que graça terá deixar um Mundo esbraveado, coberto de cinzas, de ossos e de carne? Em nome de que justiça poderá ser aniquilada a menina de cinco anos a quem demos dez tostões para rebuçados e que ao correr para nós, radiante da guloseima, desaparece num dilúvio de fogo? Quem nos poderá esclarecer esta dívida angustiada? Que mal fez a pobrezinha ou que mal teríamos feito nós? Se o delito é implícito à circunstância de vivermos na terra por a gula do avô Adão não ter resistido a uma espelhadia maçã rosada, então que nos transfirmem — ao menos as crianças inocentes — para outro planeta onde a justiça seja mais acatada e reconhecida pelo senso comum — aquele senso que a moral e a decência nos conferiu. E que isto dos tais trezentos milhões da primeira apanha envolvem milhões de crianças inocentes, sem responsabilidades na dentada imprudente na maçã, parece-nos uma iniquidade, que não há argumento nenhum que consiga justificar — pelo menos enquanto se albergar no coração generoso do homem um pedaço de ternura e de amor pelos pequeninos inocentes, sejam eles criaturas humanas, preguiçosos e manhosos tarecos ou humildes e traquinas passarinhos, cujos pecados não vão além de um carapuz surripado à dona da casa ou de uns bagos subtraídos ao rendimento da seara. E para punir tão compreensíveis e legítimas necessidades destroem-se, logo de caras, trezentos milhões de vidas? Afinal quem é que empunha a vara do mando — Deus ou o diabo? — MINON

do homem, desvergonhado e estúpido, que a si se arrogou forças espantosas para aniquilar a sua essência e presença no Mundo, faz-nos duvidar de outros poderes oferecidos à nossa inteligência e à nossa sensibilidade, poderes que afinal nos desanimam pela sua tolerância com a tendência genocida dos humanos. Que graça terá deixar um Mundo esbraveado, coberto de cinzas, de ossos e de carne? Em nome de que justiça poderá ser aniquilada a menina de cinco anos a quem demos dez tostões para rebuçados e que ao correr para nós, radiante da guloseima, desaparece num dilúvio de fogo? Quem nos poderá esclarecer esta dívida angustiada? Que mal fez a pobrezinha ou que mal teríamos feito nós? Se o delito é implícito à circunstância de vivermos na terra por a gula do avô Adão não ter resistido a uma espelhadia maçã rosada, então que nos transfirmem — ao menos as crianças inocentes — para outro planeta onde a justiça seja mais acatada e reconhecida pelo senso comum — aquele senso que a moral e a decência nos conferiu. E que isto dos tais trezentos milhões da primeira apanha envolvem milhões de crianças inocentes, sem responsabilidades na dentada imprudente na maçã, parece-nos uma iniquidade, que não há argumento nenhum que consiga justificar — pelo menos enquanto se albergar no coração generoso do homem um pedaço de ternura e de amor pelos pequeninos inocentes, sejam eles criaturas humanas, preguiçosos e manhosos tarecos ou humildes e traquinas passarinhos, cujos pecados não vão além de um carapuz surripado à dona da casa ou de uns bagos subtraídos ao rendimento da seara. E para punir tão compreensíveis e legítimas necessidades destroem-se, logo de caras, trezentos milhões de vidas? Afinal quem é que empunha a vara do mando — Deus ou o diabo? — MINON

do homem, desvergonhado e estúpido, que a si se arrogou forças espantosas para aniquilar a sua essência e presença no Mundo, faz-nos duvidar de outros poderes oferecidos à nossa inteligência e à nossa sensibilidade, poderes que afinal nos desanimam pela sua tolerância com a tendência genocida dos humanos. Que graça terá deixar um Mundo esbraveado, coberto de cinzas, de ossos e de carne? Em nome de que justiça poderá ser aniquilada a menina de cinco anos a quem demos dez tostões para rebuçados e que ao correr para nós, radiante da guloseima, desaparece num dilúvio de fogo? Quem nos poderá esclarecer esta dívida angustiada? Que mal fez a pobrezinha ou que mal teríamos feito nós? Se o delito é implícito à circunstância de vivermos na terra por a gula do avô Adão não ter resistido a uma espelhadia maçã rosada, então que nos transfirmem — ao menos as crianças inocentes — para outro planeta onde a justiça seja mais acatada e reconhecida pelo senso comum — aquele senso que a moral e a decência nos conferiu. E que isto dos tais trezentos milhões da primeira apanha envolvem milhões de crianças inocentes, sem responsabilidades na dentada imprudente na maçã, parece-nos uma iniquidade, que não há argumento nenhum que consiga justificar — pelo menos enquanto se albergar no coração generoso do homem um pedaço de ternura e de amor pelos pequeninos inocentes, sejam eles criaturas humanas, preguiçosos e manhosos tarecos ou humildes e traquinas passarinhos, cujos pecados não vão além de um carapuz surripado à dona da casa ou de uns bagos subtraídos ao rendimento da seara. E para punir tão compreensíveis e legítimas necessidades destroem-se, logo de caras, trezentos milhões de vidas? Afinal quem é que empunha a vara do mando — Deus ou o diabo? — MINON

do homem, desvergonhado e estúpido, que a si se arrogou forças espantosas para aniquilar a sua essência e presença no Mundo, faz-nos duvidar de outros poderes oferecidos à nossa inteligência e à nossa sensibilidade, poderes que afinal nos desanimam pela sua tolerância com a tendência genocida dos humanos. Que graça terá deixar um Mundo esbraveado, coberto de cinzas, de ossos e de carne? Em nome de que justiça poderá ser aniquilada a menina de cinco anos a quem demos dez tostões para rebuçados e que ao correr para nós, radiante da guloseima, desaparece num dilúvio de fogo? Quem nos poderá esclarecer esta dívida angustiada? Que mal fez a pobrezinha ou que mal teríamos feito nós? Se o delito é implícito à circunstância de vivermos na terra por a gula do avô Adão não ter resistido a uma espelhadia maçã rosada, então que nos transfirmem — ao menos as crianças inocentes — para outro planeta onde a justiça seja mais acatada e reconhecida pelo senso comum — aquele senso que a moral e a decência nos conferiu. E que isto dos tais trezentos milhões da primeira apanha envolvem milhões de crianças inocentes, sem responsabilidades na dentada imprudente na maçã, parece-nos uma iniquidade, que não há argumento nenhum que consiga justificar — pelo menos enquanto se albergar no coração generoso do homem um pedaço de ternura e de amor pelos pequeninos inocentes, sejam eles criaturas humanas, preguiçosos e manhosos tarecos ou humildes e traquinas passarinhos, cujos pecados não vão além de um carapuz surripado à dona da casa ou de uns bagos subtraídos ao rendimento da seara. E para punir tão compreensíveis e legítimas necessidades destroem-se, logo de caras, trezentos milhões de vidas? Afinal quem é que empunha a vara do mando — Deus ou o diabo? — MINON

do homem, desvergonhado e estúpido, que a si se arrogou forças espantosas para aniquilar a sua essência e presença no Mundo, faz-nos duvidar de outros poderes oferecidos à nossa inteligência e à nossa sensibilidade, poderes que afinal nos desanimam pela sua tolerância com a tendência genocida dos humanos. Que graça terá deixar um Mundo esbraveado, coberto de cinzas, de ossos e de carne? Em nome de que justiça poderá ser aniquilada a menina de cinco anos a quem demos dez tostões para rebuçados e que ao correr para nós, radiante da guloseima, desaparece num dilúvio de fogo? Quem nos poderá esclarecer esta dívida angustiada? Que mal fez a pobrezinha ou que mal teríamos feito nós? Se o delito é implícito à circunstância de vivermos na terra por a gula do avô Adão não ter resistido a uma espelhadia maçã rosada, então que nos transfirmem — ao menos as crianças inocentes — para outro planeta onde a justiça seja mais acatada e reconhecida pelo senso comum — aquele senso que a moral e a decência nos conferiu. E que isto dos tais trezentos milhões da primeira apanha envolvem milhões de crianças inocentes, sem responsabilidades na dentada imprudente na maçã, parece-nos uma iniquidade, que não há argumento nenhum que consiga justificar — pelo menos enquanto se albergar no coração generoso do homem um pedaço de ternura e de amor pelos pequeninos inocentes, sejam eles criaturas humanas, preguiçosos e manhosos tarecos ou humildes e traquinas passarinhos, cujos pecados não vão além de um carapuz surripado à dona da casa ou de uns bagos subtraídos ao rendimento da seara. E para punir tão compreensíveis e legítimas necessidades destroem-se, logo de caras, trezentos milhões de vidas? Afinal quem é que empunha a vara do mando — Deus ou o diabo? — MINON

do homem, desvergonhado e estúpido, que a si se arrogou forças espantosas para aniquilar a sua essência e presença no Mundo, faz-nos duvidar de outros poderes oferecidos à nossa inteligência e à nossa sensibilidade, poderes que afinal nos desanimam pela sua tolerância com a tendência genocida dos humanos. Que graça terá deixar um Mundo esbraveado, coberto de cinzas, de ossos e de carne? Em nome de que justiça poderá ser aniquilada a menina de cinco anos a quem demos dez tostões para rebuçados e que ao correr para nós, radiante da guloseima, desaparece num dilúvio de fogo? Quem nos poderá esclarecer esta dívida angustiada? Que mal fez a pobrezinha ou que mal teríamos feito nós? Se o delito é implícito à circunstância de vivermos na terra por a gula do avô Adão não ter resistido a uma espelhadia maçã rosada, então que nos transfirmem — ao menos as crianças inocentes — para outro planeta onde a justiça seja mais acatada e reconhecida pelo senso comum — aquele senso que a moral e a decência nos conferiu. E que isto dos tais trezentos milhões da primeira apanha envolvem milhões de crianças inocentes, sem responsabilidades na dentada imprudente na maçã, parece-nos uma iniquidade, que não há argumento nenhum que consiga justificar — pelo menos enquanto se albergar no coração generoso do homem um pedaço de ternura e de amor pelos pequeninos inocentes, sejam eles criaturas humanas, preguiçosos e manhosos tarecos ou humildes e traquinas passarinhos, cujos pecados não vão além de um carapuz surripado à dona da casa ou de uns bagos subtraídos ao rendimento da seara. E para punir tão compreensíveis e legítimas necessidades destroem-se, logo de caras, trezentos milhões de vidas? Afinal quem é que empunha a vara do mando — Deus ou o diabo? — MINON

do homem, desvergonhado e estúpido, que a si se arrogou forças espantosas para aniquilar a sua essência e presença no Mundo, faz-nos duvidar de outros poderes oferecidos à nossa inteligência e à nossa sensibilidade, poderes que afinal nos desanimam pela sua tolerância com a tendência genocida dos humanos. Que graça terá deixar um Mundo esbraveado, coberto de cinzas, de ossos e de carne? Em nome de que justiça poderá ser aniquilada a menina de cinco anos a quem demos dez tostões para rebuçados e que ao correr para nós, radiante da guloseima, desaparece num dilúvio de fogo? Quem nos poderá esclarecer esta dívida angustiada? Que mal fez a pobrezinha ou que mal teríamos feito nós? Se o delito é implícito à circunstância de vivermos na terra por a gula do avô Adão não ter resistido a uma espelhadia maçã rosada, então que nos transfirmem — ao menos as crianças inocentes — para outro planeta onde a justiça seja mais acatada e reconhecida pelo senso comum — aquele senso que a moral e a decência nos conferiu. E que isto dos tais trezentos milhões da primeira apanha envolvem milhões de crianças inocentes, sem responsabilidades na dentada imprudente na maçã, parece-nos uma iniquidade, que não há argumento nenhum que consiga justificar — pelo menos enquanto se albergar no coração generoso do homem um pedaço de ternura e de amor pelos pequeninos inocentes, sejam eles criaturas humanas, preguiçosos e manhosos tarecos ou humildes e traquinas passarinhos, cujos pecados não vão além de um carapuz surripado à dona da casa ou de uns bagos subtraídos ao rendimento da seara. E para punir tão compreensíveis e legítimas necessidades destroem-se, logo de caras, trezentos milhões de vidas? Afinal quem é que empunha a vara do mando — Deus ou o diabo? — MINON

do homem, desvergonhado e estúpido, que a si se arrogou forças espantosas para aniquilar a sua essência e presença no Mundo, faz-nos duvidar de outros poderes oferecidos à nossa inteligência e à nossa sensibilidade, poderes que afinal nos desanimam pela sua tolerância com a tendência genocida dos humanos. Que graça terá deixar um Mundo esbraveado, coberto de cinzas, de ossos e de carne? Em nome de que justiça poderá ser aniquilada a menina de cinco anos a quem demos dez tostões para rebuçados e que ao correr para nós, radiante da guloseima, desaparece num dilúvio de fogo? Quem nos poderá esclarecer esta dívida angustiada? Que mal fez a pobrezinha ou que mal teríamos feito nós? Se o delito é implícito à circunstância de vivermos na terra por a gula do avô Adão não ter resistido a uma espelhadia maçã rosada, então que nos transfirmem — ao menos as crianças inocentes — para outro planeta onde a justiça seja mais acatada e reconhecida pelo senso comum — aquele senso que a moral e a decência nos conferiu. E que isto dos tais trezentos milhões da primeira apanha envolvem milhões de crianças inocentes, sem responsabilidades na dentada imprudente na maçã, parece-nos uma iniquidade, que não há argumento nenhum que consiga justificar — pelo menos enquanto se albergar no coração generoso do homem um pedaço de ternura e de amor pelos pequeninos inocentes, sejam eles criaturas humanas, preguiçosos e manhosos tarecos ou humildes e traquinas passarinhos, cujos pecados não vão além de um carapuz surripado à dona da casa ou de uns bagos subtraídos ao rendimento da seara. E para punir tão compreensíveis e legítimas necessidades destroem-se, logo de caras, trezentos milhões de vidas? Afinal quem é que empunha a vara do mando — Deus ou o diabo? — MINON

do homem, desvergonhado e estúpido, que a si se arrogou forças espantosas para aniquilar a sua essência e presença no Mundo, faz-nos duvidar de outros poderes oferecidos à nossa inteligência e à nossa sensibilidade, poderes que afinal nos desanimam pela sua tolerância com a tendência genocida dos humanos. Que graça terá deixar um Mundo esbraveado, coberto de cinzas, de ossos e de carne? Em nome de que justiça poderá ser aniquilada a menina de cinco anos a quem demos dez tostões para rebuçados e que ao correr para nós, radiante da guloseima, desaparece num dilúvio de fogo? Quem nos poderá esclarecer esta dívida angustiada? Que mal fez a pobrezinha ou que mal teríamos feito nós? Se o delito é implícito à circunstância de vivermos na terra por a gula do avô Adão não ter resistido a uma espelhadia maçã rosada, então que nos transfirmem — ao menos as crianças inocentes — para outro planeta onde a justiça seja mais acatada e reconhecida pelo senso comum — aquele senso que a moral e a decência nos conferiu. E que isto dos tais trezentos milhões da primeira apanha envolvem milhões de crianças inocentes, sem responsabilidades na dentada imprudente na maçã, parece-nos uma iniquidade, que não há argumento nenhum que consiga justificar — pelo menos enquanto se albergar no coração generoso do homem um pedaço de ternura e de amor pelos pequeninos inocentes, sejam eles criaturas humanas, preguiçosos e manhosos tarecos ou humildes e traquinas passarinhos, cujos pecados não vão além de um carapuz surripado à dona da casa ou de uns bagos subtraídos ao rendimento da seara. E para punir tão compreensíveis e legítimas necessidades destroem-se, logo de caras, trezentos milhões de vidas? Afinal quem é que empunha a vara do mando — Deus ou o diabo? — MINON

Há dois mil anos o geógrafo Estrabão encontrou duas embocaduras no Guadiana

(Conclusão da 1.ª página)

pos velhos sem incidência nos deliciosos tempos em que vivemos. Estrabão, se quisesse agora compor a sua geografia, teria que anotar para a posteridade que o Guadiana já não tem dupla embocadura. Teve-a, efectivamente, até por altura do primeiro quarto do nosso século em que existiam as duas barras, a que chamávamos a maior por onde entravam navios que demandavam mais de vinte pés de calado e a barra da Golada que servia os barcos de pesca. Tudo isto se foi perdendo e ao fim de milhares de anos chegamos a esta situação desoladora e trágica — deixou-se entupir a foz de um dos maiores rios da península, de interesse vital não apenas para a vasta região algarbo-alentejana que serve mas para a própria Nação. Ali estão no cais de Vila Real de Santo António milhares de toneladas de toros de madeira, de fardos de palha, de sal e de mármore e um pouco mais acima, no cais do Pomarão, outras milhares de toneladas de minério bloqueadas. Depois de milénios aconteceu isto — que dobrem a finados os sinos dos povos do Guadiana e que se vistam de luto todos aqueles ribeirinhos cujos avós, desde recuados tempos, granjearam o pão através das facilidades vitais que lhes oferecia o seu grande rio — nas comunicações com o Mundo e no labor da pesca. Agora neste tão reclamado século de progresso e de génios, tudo vai acabar — o Anas agoniza nos areais da foz e aos povos que dele vivem parece que resta apenas queimar as suas cabanas e emprender viagem...

O deputado sr. dr. João Cardoso pediu na Assembleia Nacional a dragagem da barra

O nosso comprovinciano, deputado sr. dr. João da Rocha Cardoso, ergueu a sua voz na Assembleia Nacional em defesa do porto de Vila Real de Santo António, solicitando ao Governo medidas urgen-

tes para o desassoreamento da barra do Guadiana, dada a gravidade social e económica que representa a suspensão do tráfego daquele porto.

Desassoreamento do cais comercial

A Junta Autónoma dos Portos de Sotavento mandou para Vila Real de Santo António uma dragueta e restante material para desassorear o cais comercial onde se acumularam lodos que embarçam a navegação. Cremos que também se procederá à limpeza da doca, que igualmente está assoreada.

Taxas dos portos do Sotavento

Por portaria emanada do Ministério das Comunicações são mantidas em vigor as tarifas provisórias da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, com a seguinte alteração: a taxa de utilização do porto estabelecida para a carga geral tem uma redução de 50 por cento para as seguintes mercadorias: adubos, areia, carvão em pó, cascalho, gesso, lenha, minério de ferro, palha, pedra, pirites e seus resíduos, retalhos de folha de flandres, sal, telhas e tijolos e toros de pinho.



Vilarinho & Sobrinho, Lda.
Janelas Verdes — LISBOA

A SORTE CONTINUA FIRME NA CASA DA SORTE

Extracção da semana finda

11.001 — 3.º PRÉMIO — 100 CONTOS
22.789 — 4.º — 50 CONTOS

23.467 — 20.220\$00	718 — 3.220\$00	20.722 — 3.000\$00
24.711 — 20.000\$00	11.976 — 3.220\$00	30.964 — 3.000\$00
13.326 — 4.220\$00	37.427 — 3.220\$00	34.642 — 3.000\$00
8.061 — 4.000\$00	8.264 — 3.000\$00	36.271 — 3.000\$00
8.090 — 4.000\$00	14.169 — 3.000\$00	43.033 — 3.000\$00
218 — 3.220\$00	20.195 — 3.000\$00	44.011 — 3.000\$00

Tudo em bilhetes com o CARIMBO e a MARCA da

CASA DA SORTE

Habilite-se aos muitos prémios das

NOVAS LOTARIAS AOS BALCOES DA

CASA DA SORTE



J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária)
TEL. 63 71 06 — LISBOA-3

A Câmara de Olhão também não descarta a valorização turística do concelho

(Continuação da 1.ª página)

com o maior interesse pela reparação competente.

Refere ainda o documento as medidas tomadas para melhor abastecimento de leite, as obras de viação levadas a cabo, assim como as melhorias em fontes públicas, arruamentos, saneamento e arborização. Anuncia-se que na decorrente Primavera será inaugurado o Palácio da Justiça, estando em adiantado estado de construção as casas para magistrados. Foi também elaborado o projecto de um bloco de moradias para os funcionários dos C. T. T.

O sr. presidente do Município salienta no relatório que as despesas com a instrução atingiram 160.976\$90, e com os serviços de saúde, 218.245\$50, sem contar com 120.000\$00 de subsídio ao hospital. Se se reparar que a derrama para fins assistenciais, rendeu apenas 38.525\$, verifica-se ser muito considerável o esforço que a Câmara tem que fazer para assegurar o tratamento dos doentes pobres do concelho.

As receitas, incluindo o saldo do ano anterior, totalizaram 10.515.539\$10 e as despesas 7.569.546\$80, passando de saldo para este ano 2.945.992\$30. Nos últimos três anos as receitas foram expressas nos seguintes números: 1960, 7.688.457\$; 1961, 7.486.439\$30 e 1962, 6.471.757\$70 e as despesas: 1960, 5.387.886\$30; 1961, 6.737.764\$50 e 1962, 7.569.546\$80.



Apontado como um dos melhores de Lisboa

HOTEL FLAMINGO

UM HOTEL MODERNO COM CONFORTO DE PRIMEIRA

NOVO RESTAURANTE E BAR

com preços especiais de Inverno

R. Castilho, 41 — Tel. 732191 — LISBOA

Para lincar em casa, use tintas **Arti**

O problema das comunicações no concelho de Mértola

(Conclusão da 1.ª página)

tes e de ter também considerado os trabalhos de construção do caminho a partir da E. N. 265 para servir os lugares de Monte Alto e Monte Fernandes, um troço de 1.562 metros, já participado. Se a construção do caminho tivesse partido da E. M. 514 seria mais fácil servir Picoitos e Alves. A primeira fica à distância dessa estrada 1.900 metros e Alves, na continuação do caminho, situa-se a 1.700 metros de Picoitos. Para atingir, a partir da E. N. 265, essas povoações torna-se necessário construir até Picoitos 8.561 metros e um ramal para Alves de 700 metros. Em face desta situação e por se tratar de núcleos populacionais de certo volume, seria razoável que a Câmara Municipal mandasse elaborar o projecto do caminho a partir da E. M. 514. De outro modo e porque, concluído o lanço que val até Monte Fernandes, ficam ainda sete quilómetros para alcançar Picoitos, tardiamente será servida esta povoação.

Quando ao caminho de acesso à povoação de Bens, na extensão de 192 metros, o respectivo projecto foi enviado no fim do ano passado à Direcção de Urbanização de Beja; a obra foi incluída no plano da COOPA e a sua construção deverá efectuar-se este ano.

Quando a comparticipações concedidas ao concelho de Mértola, totalizaram elas, nos últimos sete anos, 10.079.800\$, dos quais 9.940.000\$ se destinaram a melhoramentos rurais. O custo total destes foi de 13.100 contos correspondentes a 77 quilómetros de terraplenagens e 83 quilómetros de pavimentações. No ano corrente as obras em curso ou a iniciarem-se em breve estão orçamentadas em 2.490 contos, tendo sido já concedidas comparticipações no montante de 1.487 contos. Deve dizer-se que o concelho de Mértola foi o segundo do distrito que maior volume de comparticipações recebeu para melhoramentos rurais e isto justifica-se pelos seguintes motivos:

1 — Necessidade de dar ocupação à mão-de-obra rural durante as crises cíclicas, sendo as obras de reparação e construção de vias municipais

Janela do Mundo

(Continuação da 1.ª página)

a fazer tentativas. Mas isso, não é razão para atropelarmos o próximo, já mal ou bem encaminhado. É esse próximo que nós devemos respeitar e a todo o momento temos oportunidade de o fazer: na paragem do eléctrico, na bicha do cinema, na mesa vizinha do café, na rua, ombro a ombro. O próximo é o desconhecido que passa ao nosso lado sem nos olhar e que carrega um fardo de sonhos e problemas consigo.

A vida é difícil; o homem é naturalmente egoísta; o tempo corre veloz; e pode acontecer que muitos de nós não cheguem a encontrar o tal caminho, nem atingir o objectivo ambicionado. Mas, apesar disso, podemos contribuir para facilitar o caminho dos outros, evitando os encontros, aplanando os obstáculos, respeitando os que descobrimos o seu rumo... Não bloqueemos a passagem!

MATEUS BOAVENTURA



A MAIOR E MAIS MODERNA COLECCÃO DO PAÍS

FABRICANTES

- Lã Mescla desde . . . 80\$00 Kg.
- » Zelândia a . . . 100\$00 Kg.
- » Industrial a . . . 117\$00 Kg.
- » Austrália desde. 120\$00 Kg.
- » Sabrina (Fantasia) a 120\$00 Kg.

AV. ALMIRANTE REIS, 4-1.º FRENTE LISBOA - 1

Peçam amostras

Enviamos encomendas à cobrança

Glosando um passeio por S. Brás de Alportel

(Conclusão da 1.ª página)

seus mais instantes anseios, jamais serão atendidos, embora se reconheça — faça-se justiça a quem a merece — que a municipalidade não descarta esses problemas, esbarrando porém com dificuldades insuperáveis que se esfumam em promessas que continuam a não ter qualquer concretização prática. Gera-se portanto um clima de crítica derrotista local, mas a verdade é só uma e temos que concordar que «Roma e Pavia não se fizeram num dia». Aguardemos calmamente o desenrolar da actividade dos elementos que tomaram a administração do nosso concelho.

Há necessidades, todavia, que dependem exclusivamente de nós, e são essas que deveriam ser imediatamente executadas, mesmo que exijam sacrifícios momentâneos, estudando-se, transigindo-se e actualizando-se os problemas de solução local num largo espírito de compreensão comum. Cremos que não é necessário, por exemplo, submeter à aprovação superior, a actualização das taxas que incidem sobre a electricidade. Um quilovatio de luz a 3\$60, sabendo-se que a energia é oriunda da barragem do Castelo do Bode, parece-nos francamente um preço incomportável, que restringe naturalmente o consumo do fluido em manifesto prejuizo dos que o utilizam. Neste capítulo, nota-se uma severa austeridade na economia da iluminação pública, e a provar este facto, ocorre-nos perguntar por que razão a nossa sala de visitas e centro mundano onde se ergue a estátua do poeta Bernardo de Passos tem iluminação tão deficiente.

Outro problema que merece estudo atento é a nossa Misericórdia! Não temos quaisquer dúvidas em afirmar que esta instituição de caridade, felizmente, tem sólidos alicerces financeiros. Generosas dádivas têm contribuído decisivamente para a estabilidade que se verifica em pleno contraste com outras instituições do género que lutam estóticamente para o equilíbrio dos seus orçamentos. Dado o fim humanitário para que foram criadas, merece-nos um respeito especial a escrupulosa orientação do seu património, mas por assistirmos às cenas pouco edificantes de se esmoalar pelos cafés e casas particulares, no eterno apelo à caridade pública, alegando que a Misericórdia comparticipa — quando se trata de receita médica — apenas com metade dos medicamentos, parece-nos, salvo melhor opinião, que, se a comparticipação fosse integral, evitar-se-ia essa faceta dolorosa de mendigar em público, o que aliás se harmonizava com o espírito que ditou a campanha contra a mendicância, claramente atenuada em S. Brás. Ocorre-nos ainda perguntar quando será construída a casa dos pobres. A administração da verba respectiva oferecida por um generoso benfeitor foi confiada à Misericórdia.

Rumando para o jardim público, perfilhamos inteiramente a construção dum parque infantil, que se ajusta perfeitamente à época em que vivemos. Seria incontestavelmente um melhoramento magnífico, de grande projecção social, cujos beneficiários, as crianças, os homens de amanhã, obteriam dele vantagens, quer na sua formação física, quer na sua formação moral. Este jardim local onde em tempos se construiu um campo de ténis para imediatamente ser destruído não se sabe bem porque — proporciona um recanto calmo, de sombras deliciosas, tratado com insuperável esmero e dedicação. Mas assim que surge a penumbra da tarde, é fechado a sete chaves e os seus estranhos e insólitos frequentadores nocturnos são as corujas e os morcegos. Quando antigamente havia espectáculos de cinema ao ar livre na esplanada e as verbenas dos Bombeiros Voluntários funcionavam em famosos e inesquecíveis serões artísticos, aqueles que por dificuldades materiais não tinham acesso aos divertimentos, gozavam em compensação, o aroma das flores, num repouso lasso, inebriante... mas às escuras! Quantas vezes esse perfume estonteante embragava os sentidos na escuridão da noite, que é má conselheira. Mas as exigências da insaciável bilheteira, faziam ouvirem de mercador a esse porneron, aparentemente inofensivo e criava-se esta situação paradoxal: dum lado, luz feérica, a jorros, no outro uma escuridão de breu, um convite mudo à prática de actos depraváveis.

Temos ainda, é claro, o inesgotável assunto da praça do peixe, as águas canalizadas, o calcetamento das ruas, a rede de esgotos e muitas outras necessidades indispensáveis, de que aldelas sem qualquer projecção turística, comercial ou industrial, em relação a S. Brás de Alportel, já estão devidamente apetrechadas. Estes problemas, continuam e continuarão a prevalecer na ordem do dia, porque são o fulcro das nossas legítimas e máximas aspirações, tema obrigatório dos comentários da imprensa, que se tem ocupado largamente deles, pugnano pelas justas reivindicações da nossa terra.

S. Brás de Alportel, tem filhos ilustres espalhados pelo País, em muitos departamentos oficiais, que poderiam exercer a sua influência decisiva. Viver só da saúde pelo torrão natal, não é viver, é passar apenas o tempo. Chegamos à conclusão de que, exceptuando os magnânimos doadores do bairro dos pobres, do hospital em plena fase de acabamento, e das obras de reconstrução da igreja matriz, todos os outros milhares de são-brasenses dispersos por toda a parte, não esquecem a terra que lhes foi berço. Recordam-na com muita saudade, mas... é só saudade!

Para eliminar o deprimente complexo do S. Brás de Alportel: continuar a ser uma aldeia bonita vista de longe... temos que reagir energicamente. Se essa reacção não se operar, a nossa santa terrinha, lembra vagamente uma mãe estremeosa rodeada dos filhos directos, pacientes e respeitadores, atacada duma moléstia terrível, a paralisia, que a atirou implacavelmente para uma cadeira de rodas.

F. CLARA NEVES

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES, (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 13-1.º - Telefone 02 - LAGOS. Remessas para todo o País